



“VI A MINHA CIDADE MORRER”

**DEPOIMENTOS TOMADOS NA LINHA DE FRENTE DOS
CONFLITOS URBANOS NO IRAQUE, SÍRIA E IÊMEN**



O PRESENTE RELATÓRIO ESPECIAL DO COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA (CICV) ANALISA O CUSTO HUMANO DEVASTADOR DAS GUERRAS URBANAS MODERNAS EM TRÊS PAÍSES DO ORIENTE MÉDIO.





Vi a minha cidade morrer; vi o meu povo morrer; fiquei destroçado. Não sei se algum dia vou estar bem, mas quero isso.

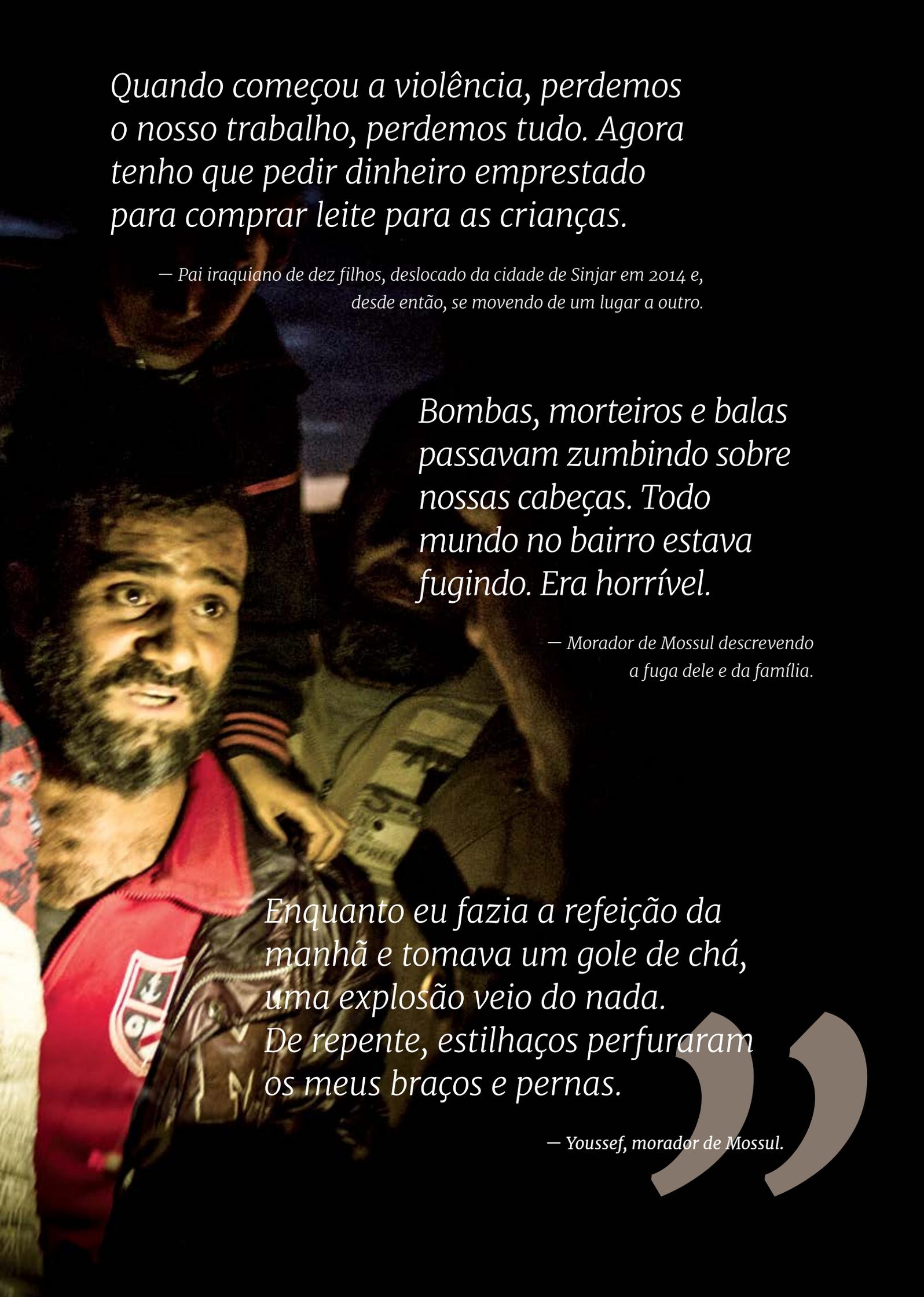
— Sami, 27 anos, fugiu de Aleppo para Damasco e depois para Beirute.

Um dos comandantes me contou que, às vezes, os combates são tão pesados que ele está na cozinha disparando contra o inimigo, que está na sala revidando, enquanto há civis – famílias – nos quartos acima.

— Joshua Baker, diretor e produtor de *Battle for Mosul* (A Batalha por Mossul), documentário de PBS e The Guardian.

As pessoas buscam comida no lixo porque não conseguem comer. Vimos mulheres fervendo folhas de árvores para dar algum tipo de sopa quente aos filhos.

— Nancy Hamad, chefe da subdelegação do CICV em Taiz, Iêmen.



Quando começou a violência, perdemos o nosso trabalho, perdemos tudo. Agora tenho que pedir dinheiro emprestado para comprar leite para as crianças.

— Pai iraquiano de dez filhos, deslocado da cidade de Sinjar em 2014 e, desde então, se movendo de um lugar a outro.

Bombas, morteiros e balas passavam zumbindo sobre nossas cabeças. Todo mundo no bairro estava fugindo. Era horrível.

— Morador de Mossul descrevendo a fuga dele e da família.

Enquanto eu fazia a refeição da manhã e tomava um gole de chá, uma explosão veio do nada. De repente, estilhaços perfuraram os meus braços e pernas.

— Youssef, morador de Mossul.

PREFÁCIO

A guerra voltou para as cidades. Este novo relatório do CICV demonstra vividamente como somos testemunhas de uma mudança profunda na história dos conflitos armados, em que passamos a ver cidades de grande e pequeno porte presas a padrões arraigados da guerra urbana por longos períodos consecutivos. As forças governamentais e grupos armados não estatais se enfrentam em combates nas ruas, em uma mistura de bombardeios aéreos, tiros de artilharia, armas inteligentes, ataques de infantaria, homens-bomba, carros-bomba e artefatos explosivos improvisados. Os civis estão no meio disso tudo.

Desde épocas antigas, o ataque e a pilhagem de uma cidade provocam terror mortal aos seus habitantes. Como nos mostra a História, caso o comandante das forças de defesa da cidade recusasse os termos de rendição, a população civil, portanto, sofria roubos, estupros, assassinatos, mutilações e escravidão. Muitos preferiam o suicídio.

Durante boa parte do século 19 e início do 20, contudo, parecia que os cercos antiquados e os combates urbanos haviam se transformado em coisa do passado. Os generais preferiam muito mais a “arte da guerra” a ser desenvolvida em espaços abertos. Eles temiam a deserção, a indisciplina e o alcoolismo caso os seus subordinados lutassem nas cidades. As táticas e treinamento, com quase nenhuma iniciativa permitida aos postos subalternos, significavam que eles estavam, de todos modos, mal preparados para a guerra urbana.

No início do século 19, a maioria dos recrutas eram de comunidades rurais que quase nunca haviam visto uma grande cidade. Ao redor de 1914, o crescimento rápido da população nas capitais da Europa, alimentado pelas migrações internas do fim do século 19, forneceu uma grande parcela de “filhos descartáveis” – uma expressão de um acadêmico dos Estados Unidos, Edward Luttwak. Ainda assim, um aspecto interessante da Primeira Guerra Mundial foi o fato de que ainda havia poucos combates em meio urbano. O primeiro grande exemplo foi o Estupro de Nanjing, em 1937, com cenas de crueldade indescritível. O Exército Imperial Japonês usou instintivamente uma política de terror para compensar a sua desvantagem numérica, mas a resistência chinesa não ruiu.

No início da Segunda Guerra Mundial, em 1939 e 1940, cidades como Varsóvia e Roterdã foram bombardeadas, muitas vezes com selvagerismo. No entanto, no teatro de operações do ocidente europeu, as cidades foram declaradas abertas e abandonadas ao inimigo. Em junho de 1940, no Castelo de Muguet, Winston Churchill instou o Estado-Maior francês a defender Paris mediante combates de casa em casa. Esta ideia foi recebida com horror pelo General Weygand e pelo Marechal Pétain, que foi embaixador na Espanha e conhecia os combates revolucionários nas ruas.

Na Segunda Guerra Mundial, famosa pelos chamados *blitzkriegs* do Wehrmacht, a guerra de movimentações estava finalmente se transformando em combates urbanos – Sebastopol, Voronezh e depois Stalingrado – apesar de Hitler querer manter os seus exércitos fora das cidades. Em Stalingrado, onde o Exército Vermelho mudou o curso da guerra, os combates foram impiedosos. Dos cerca de 10.000 civis que sobreviveram aos confrontos, contra todos os prognósticos, mil eram órfãos. Um profissional humanitário descreveu as crianças, logo depois da batalha, como completamente selvagens ou catatônicas.

À medida que a guerra se virou contra ele, Hitler se recusou a abandonar as cidades por razões de prestígio. Quando o Exército Vermelho e os seus aliados ocidentais chegaram à fronteira do Reich, ele ordenou que cada cidade se transformasse em uma *festung* (fortaleza) – especialmente Königsberg, Breslau e Berlim. A sorte dos civis encurralados à medida que cada cidade era atacada lembrava, em alguns momentos, a idade das trevas.

Berlim foi a última grande batalha urbana da Europa, travada entre imensas forças recrutadas. Em 1945, os alemães e os japoneses foram esmagados completamente depois de uma longa guerra. As suas cidades foram arrasadas pelos bombardeios aéreos e forças terrestres em uma magnitude nunca antes imaginada. Tanto os civis como os soldados foram reduzidos a zumbis depois de vários anos de exaustão, fome e choque causado pelas batalhas. Estimavam-se em 12 milhões a quantidade de crianças desacompanhadas que vagavam pela Europa e um número ainda maior de pessoas deslocadas. Milhões de pessoas nas cidades em toda a Europa, Ásia e União Soviética passaram por fome, pobreza, falta de moradia, doenças, luto e separação das famílias.

Atualmente, os civis nas cidades estão novamente no meio da guerra – encurralados, feridos, famintos, empobrecidos, mantidos como reféns, usados como escudos humanos e frequentemente impedidos de fugir. Os serviços urbanos básicos como água, assistência à saúde, eletricidade e escolas estão danificados, degradados e algumas vezes deliberadamente atacados. A antiga estratégia dos cercos voltou. Túneis, armadilhas e franco-atiradores se cruzam com drones e guerra digital na nova forma de conflito urbano prolongado que parece ter chegado para ser o novo modelo nos anos vindouros.

Essas novas guerras urbanas podem ficar sem um final por anos a fio, já que os grupos armados agora se escondem com a cobertura das cidades e não mais da vegetação, e as guerras de guerrilha se tornam intrinsecamente urbanas. A vitória escapa de todos os lados e o conflito urbano se transforma em algo crônico na vida de milhões de pessoas.

Chegamos a um novo ponto de inflexão na história da guerra – descrito com precisão nos depoimentos dos civis no presente relatório. Como já indicam os combates no Iraque, Síria, Iêmen e Líbia, os principais campos de batalha do futuro não serão em terrenos abertos. Serão nas cidades.

— *Sir Antony Beevor*
Historiador militar e autor de
Stalingrado e Berlim: A Queda 1945

1	SALVAR AS NOSSAS CIDADES: UM APELO URGENTE Introdução aos conflitos urbanos modernos no Iraque, Síria e Iêmen por Robert Mardini, diretor de operações do CICV para o Oriente Próximo e Médio. Página 11	2	DEZ RECOMENDAÇÕES para uma ação urgente de prevenção ou alívio do sofrimento causado pelas guerras em meio urbano. Páginas 18–19	3	“MEU FILHO MORREU SUFOCADO” A história de Aleppo, segunda maior cidade da Síria. Página 20 A história de Yasser: “O prédio desabou. Ele não teve nenhuma chance.” Página 21
---	--	---	--	---	--



4

“LEMBRANÇAS DE UMA CIDADE QUE JÁ FOI CHEIA DE VIDA”

A história de Taiz, antiga capital cultural do Iêmen.

Página 26

A história de Hanan:

“Naquele dia, a minha vida acabou.”

Página 29

7

“FIQUEI DESTROÇADO”

Além das lesões físicas, o conflito urbano prolongado causa feridas psicológicas muito reais e duradouras.

Página 60

5

PARA ONDE QUER QUE VOCÊ OLHASSE, ALGUÉM ESTAVA TENTANDO TE MATAR”

A história de Mossul, segunda maior cidade do Iraque.

Página 30

A história de Mohammed:

“As pessoas nos receberam apesar das suas próprias circunstâncias difíceis.”

Página 36

8

“NÃO ME ESQUECEREI, MAS VOU TENTAR PERDOAR”

A guerra civil predominantemente urbana do Líbano oferece muitas lições sobre os custos dos conflitos em áreas densamente povoadas e extremamente diversas. Uma das principais lições: deve-se reconstruir muito mais do que prédios para reviver as comunidades.

Página 64

“Por que eu não lutaria para proteger a minha família?”

Um ex-combatente conta a sua experiência com a guerra e a reconciliação.

Página 71

6

OS EFEITOS SOBREPOSTOS DA GUERRA URBANA

“Viver no subterrâneo”

Isolados do mundo exterior e agarrando-se à vida.

Página 40

A história de Ammar e Ranim

Fugir de uma cidade em guerra e voltar a ela.

Página 44

“Se tivéssemos ficado, estaríamos mortos agora.”

Fugindo de, para e dentro de cidades em guerra. A história esquecida da população deslocada internamente nas áreas urbanas.

Página 46

“Nosso objetivo: garantir que a água permaneça neutra”

A guerra nas cidades e nos seus arredores interrompe a rede de serviços que os moradores precisam para sobreviver.

Página 50

Ondas de choque

Os efeitos devastadores das armas explosivas em áreas urbanas.

Página 54

Armas químicas

Apesar da proibição absoluta, as denúncias do uso de armas químicas continuam sendo demasiado frequentes.

Página 56

Um legado mortal

As armas não detonadas continuam matando mesmo depois do fim dos combates.

Página 58



K. Al-Saeed/CICV

Duas crianças brincam em um carro crivado de balas em Taiz, Iêmen. Dezembro de 2016.

SALVAR AS NOSSAS CIDADES: UM APELO URGENTE

Por Robert Mardini, diretor de operações do CICV para o Oriente Próximo e Médio

A mãe de uma criança pequena perde o marido por causa de um disparo de um franco-atirador quando ele sai para buscar comida para a sua família.

O pai de quatro filhos vê a sua mulher e bebê morrerem quando um míssil atinge o pátio da sua casa. Um comandante descreve como os seus homens tiveram de combater de casa em casa com as famílias escondidas dentro delas.

Estas são apenas algumas das histórias que caracterizam a guerra urbana atual. Elas formam o núcleo deste relatório especial do CICV que explora o impacto de longo prazo e acumulativo dos conflitos nas cidades do Oriente Médio, a partir da perspectiva das pessoas que sobreviveram a eles.

Pessoas comuns, que viveram privações extraordinárias – uma assistente odontológica, um instrutor desportivo, um carpinteiro, um aluno convertido em combatente e outros – nos ajudam a entender um claro desafio da nossa época: a urbanização dos conflitos armados. As palavras deles, junto com a visão de militares, engenheiros hidráulicos, profissionais humanitários, delegados do CICV, cientistas políticos e historiadores, nos dão alguma ideia dos horrores que a guerra urbana inflige nas pessoas todos os dias.

As cidades que vemos nas notícias – Aleppo, Homs, Mossul, Fallujah, Ramadi, Taiz – têm histórias para contar. A cidade síria de Aleppo foi um centro de ensino, música e comércio durante mais de mil anos, consistindo no coração da economia do país antes da guerra. Agora, o seu centro histórico está largamente destruído, a população reduzida e a vida intelectual, cultural e econômica em ruínas. “Vi a minha cidade morrer” – o título deste relatório – é como um jovem músico descreveu a transformação da sua adorada cidade natal. Ele fugiu da cidade por causa dos bombardeios constantes e das detenções rotineiras e abusos pelos combatentes de todos os lados.

A cidade iraquiana de Mossul já foi conhecida pela tolerância e mistura de religiões e culturas. Taiz, no sudoeste do Iêmen, foi um centro industrial, de produção de café e de conhecimento antes do cerco de 15 meses.¹ A vida da população nessas cidades foi – ou ainda é – destroçada pelos combates, travados muitas vezes na frente de suas casas ou negócios.

Moradores de muitas outras cidades em todo o Iraque, Síria e Iêmen têm histórias parecidas para contar.



Em Ramadi, no Iraque, 80% dos edifícios estavam destruídos no final de 2015.

UM NOVO NÍVEL DE SOFRIMENTO NAS ÁREAS URBANAS

Cerca da metade de todas as vítimas de guerras no mundo todo, entre 2010 e 2015, era do Iraque, Síria e Iêmen,² onde os confrontos nas pequenas e grandes cidades foram implacáveis. Embora a guerra urbana e o sofrimento causado não sejam nenhuma novidade, o tipo de confronto que vemos nas cidades hoje se tornou demasiado banal e destrutivo. Causa grandes ofensas com o potencial de perpetuar ciclos de violência. A quantidade de vítimas civis é notadamente alta: segundo algumas estimativas, representam 92% das mortes e ferimentos causados pelo uso de armas explosivas em áreas povoadas, comparado a 34% quando essas armas são empregadas em outras áreas.³

Por que o custo humano é tão elevado? Um das principais razões é a falta generalizada de respeito pelo Direito Internacional Humanitário (DIH) – também conhecido como Direito Internacional dos Conflitos Armados. Este conjunto de normas protege as pessoas que não participam, ou não participam mais, das hostilidades e

limita os meios e métodos de guerra. Busca, em essência, limitar os efeitos dos conflitos armados e preservar alguma humanidade na guerra. Porém, as normas estão sendo violadas. Os civis e edifícios civis como hospitais e escolas estão sendo alvejados. Pessoas comuns estão encurraladas em cercos. Não estão sendo tomadas precauções constantes para proteger a população civil. As consequências são devastadoras.

Outro motivo é a escolha das armas e o modo em que são empregadas em áreas densamente povoadas. Embora o bombardeio de áreas extensas em larga escala, usado em certos conflitos do século XX, seja menos frequente no século XXI, o bombardeio e o uso de artilharia pesada em áreas civis continuam sendo características típicas das guerras modernas.

Além disso, por inúmeras razões, não são encontradas soluções políticas aos conflitos urbanos modernos, significando que as pessoas se convertem em vítimas da violência

entrincheirada, reiteradamente, durante muitos anos. Os conflitos urbanos da atualidade no Oriente Médio também são caracterizados pelo número de diferentes forças e grupos armados envolvidos e pelo apoio que recebem de uma ampla variedade de Estados. Isso complica os esforços para se construir a paz e assistir a população.

Ao mesmo tempo, uma forma antiga de guerra – o cerco – voltou a aparecer. As forças e grupos armados, não querendo arriscar as suas vidas nos combates em áreas densamente povoadas, recorrem agora aos cercos. Tanto as partes que são cercadas como as que cercam estão colocando os civis em perigo – ameaçando as suas vidas, bem-estar e dignidade. Os civis estão sofrendo com privações extremas e algumas pessoas enfrentam cercos mais longos do que os de Lenígrado e Sarajevo. Por esse motivo, os cercos, como vêm sendo executados no Oriente Médio atualmente, são excessivos e com frequência ilegais.

Por último, o custo humano é elevado porque os feridos e doentes muitas vezes não obtêm a assistência à saúde que precisam. Hospitais foram atacados e em muitos faltam profissionais, material e medicamentos necessários para funcionar adequadamente, sem falar na demanda avassaladora que têm.

“Ainda posso ver o meu neto sob os escombros. Conseguimos tirá-lo ainda com vida. Mas, ante a falta de clínicas ou hospitais por perto, ele morreu uma hora depois.”

Abdulrahman parado diante dos destroços onde quatro membros da sua família morreram no início de dezembro de 2016. Abdulrahman cuidava de 260 idosos e adultos vulneráveis no leste de Aleppo, quando os combates se intensificaram e as linhas de frente se fecharam ao redor deles. Seus familiares morreram dois dias antes que o Crescente Vermelho Árabe Sírio e o CICV pudessem chegar à região para evacuar os doentes, idosos e outros civis.



ÊXODO URBANO

Não surpreende, desse modo, que milhões de pessoas fugiram das suas cidades. Até o final de 2015, calcula-se que cerca de 65 milhões de pessoas foram deslocadas por conflito ou perseguição.⁴ A maioria permanece dentro das fronteiras do seu país, onde a necessidade de assistência humanitária é maior. Estimativas recentes indicam que os conflitos atuais da Síria, Iraque e Iêmen contabilizam quase um quarto desse número de deslocados,⁵ e somente a guerra na Síria representa um sexto disso. Mais de seis milhões de sírios vivem com os familiares, em abrigos *ad hoc* ou com comunidades que os acolhem dentro da Síria, e mais de cinco milhões deixaram o país.⁶ Do mesmo modo, mais de oito por cento de iemenitas⁷ e iraquianos⁸ ainda estão deslocados dentro dos seus próprios países.



A. Qusay/CICV

As pessoas que fogem dos combates em Mossul atravessam a região por Gogjali, um povoado curdo no trajeto até o campo de deslocados de al-Khazer. Novembro de 2016.

O IMPACTO OCULTO

Os efeitos devastadores dos ataques em meio urbano são o motivo pelo qual tantas pessoas ficam sem escolhas e devem abandonar as suas casas e cidades. Caso a rede de água ou esgoto seja danificada por uma bomba, milhares de pessoas poderiam perder o acesso à água limpa, o que por sua vez acarreta problemas de saneamento e um risco maior de doenças infecciosas. Se um hospital for bombardeado, o impacto vai além das trágicas mortes dos profissionais de saúde e pacientes e a destruição do estabelecimento de saúde. No período posterior, milhares de outras pessoas poderão morrer de doenças e infecções facilmente tratáveis já que o estabelecimento e os profissionais não estarão ali para ajudar.

Enquanto isso, os combates implacáveis e os bombardeios intermináveis fazem com que as pessoas vivam com medo, com pesar e em choque de modo constante. Isso pode levar ao estresse traumático que faz com que seja extremamente difícil para as pessoas reconstruírem as suas vidas, manterem os seus empregos ou romperem o ciclo de violência.

Existe também a tarefa de reconstrução, em longo prazo, que é complicada não apenas pela completa destruição da infraestrutura, mas também pelos milhões de bombas e outros artefatos não detonados escondidos nos escombros.

Talvez o maior custo da guerra urbana não possa ser medido. As crianças privadas de uma educação e da sua infância. Gerações inteiras sem esperanças para o futuro. Comunidades fraturadas pelo trauma, desconfiança e ódio. A saída de pessoal qualificado. Tantos jovens apanhados pela violência.

Essa é a realidade dos conflitos armados em áreas urbanas e os motivos pelos quais as pessoas são obrigadas a fugir.

Cena de destruição após o incêndio do Hospital Nacional de Aleppo. Janeiro de 2017.



S. Tarabishy/ICIV



T. Glass/OCW

Sanaa, Iêmen. Este jovem foi ferido durante os combates em Fajj Attan, sofrendo fraturas faciais importantes. Abril de 2015.

Há demasiadas coisas para perder e muitas para ganhar. Mas precisamos agir agora, com determinação e humanidade, para que, algum dia, alguém como o jovem músico de Aleppo possa dizer “vi a minha cidade renascer”.

UM CUSTO ELEVADO DEMAIS

O que nos dizem as histórias das pessoas que vivem em meio à guerra urbana? Que o custo humano das guerras urbanas é demasiado alto. Todas as pessoas envolvidas nesses conflitos atroz e prolongados, seja no âmbito político ou militar, devem estar conscientes de todos os custos em potencial – de curto e longo prazo – e tomar medidas imediatas para eliminá-los ou reduzi-los.

Antes de mais nada, devem realizar todos os esforços para encontrar soluções políticas para as suas desavenças. Além disso, as partes em conflito devem compreender o real impacto dos combates na população a que em última instância esperam governar. De outro modo, o que restará para ser controlado, depois de as pessoas terem perdido tanto e sofrido tão profundamente? E os serviços que as mantêm vivas terem sido danificados ou destruídos? Os vitoriosos poderão manter a paz se as pessoas acharem que eles não respeitaram as normas nem a humanidade básica dos cidadãos locais?

O apoio vindo de fora ajudou a proliferar uma infinidade de grupos armados, exacerbando os efeitos dos conflitos e fazendo com que as soluções pacíficas estejam cada vez mais distantes. Os Estados que apoiam as partes em conflitos armados – sejam forças estatais ou grupos armados não estatais – devem usar a sua influência em benefício das vítimas dos conflitos armados. Não devem incentivar nem auxiliar nas violações ao DIH, devendo fazer tudo ao seu alcance para assegurar o respeito pelas normas.

As lições do passado devem ser aprendidas e medidas tomadas rapidamente para reconstruir as comunidades urbanas – garantindo que o acesso ininterrupto à educação e o apoio prestado às pessoas deslocadas – e para iniciar esforços integrais de reconciliação. Estas são apenas algumas das ações que devem ser tomadas – com base nos testemunhos das pessoas entrevistadas pelo CICV – que apresentamos nas recomendações do presente relatório. Ver páginas 18 e 19.

Com ações determinadas e combinadas, as cidades e as suas comunidades serão capazes de se recuperar e se reconstruir, e os bairros que foram devastados poderão voltar rapidamente a ter vida.

Taiz, por exemplo, poderá ser lembrada outra vez pela sua arquitetura singular e pelo aroma dos seus cafés finos e aromáticos e não pelo mau cheiro do lixo nas ruas. Mossul, cenário de confrontos intensos nas ruas, poderá florescer de novo como um centro regional de conhecimento, medicina e produção de óleo. E Aleppo poderá uma vez mais ser conhecida pela sua comida e música e não pelo estrondo das bombas e prédios destruídos.

Há demasiadas coisas para perder e muitas para ganhar. Mas precisamos agir agora, com determinação e humanidade, para que, algum dia, alguém como o jovem músico de Aleppo possa dizer “vi a minha cidade renascer”.

REDUZIR O CUSTO

A escala e o escopo dos conflitos urbanos da atualidade são impossíveis de ignorar: faz-se necessário um compromisso urgente e de longo prazo por parte de todos – partes beligerantes e os Estados que as apoiam, comunidade internacional, doadores e cidadãos comuns do mundo todo.

Em todos os conflitos armados, sejam eles travados em áreas urbanas ou outras, o Direito Internacional Humanitário (DIH) rege a conduta das Partes. O DIH obriga as partes a distinguirem, em todas as circunstâncias, entre os objetivos militares e os civis e bens civis. Proíbe as armas químicas e os ataques contra os civis e hospitais. Requer que todas as partes garantam

o tratamento dos detidos com humanidade e dignidade; que busquem, recolham e evacuem os doentes e feridos; que tratem os restos mortais de maneira adequada; que tomem todas as medidas possíveis para explicar os casos das pessoas desaparecidas, e muito mais.

A aderência estrita ao DIH é o primeiro passo para melhorar a situação das vítimas dos conflitos armados. Uma ação é necessária especialmente nas dez áreas seguintes. Estas recomendações têm a finalidade de limitar o impacto das guerras urbanas no Oriente Médio ao reduzir o sofrimento que elas provocam e lidar com as necessidades urgentes da população.

O CICV INSTA:

1. **as partes em conflito a respeitar o DIH em todas as circunstâncias.** As ações do inimigo nunca justificam as violações.
2. **os Estados que apoiam as partes em conflitos armados a garantir que estas respeitem o DIH.** Eles estão em um posição única e privilegiada para tal.
3. **as partes beligerantes a parar de encurralar os civis em cercos, devendo assegurar o acesso rápido, contínuo e desimpedido da ajuda humanitária a todas as comunidades urbanas necessitadas e que a população possa sair dessas áreas em segurança se assim o desejarem.** As privações causadas pelos cercos têm consequências para a população que perdurarão por várias gerações.
4. **as partes em conflito a evitar o uso de armas explosivas com amplo impacto em áreas densamente povoadas.** Além de causar mortes e destruição dentro da zona de impacto imediato, essas armas possuem efeitos de longo prazo na infraestrutura civil e serviços que são extremamente perigosos para a saúde e sobrevivência da população.
5. **as partes beligerantes a respeitar e proteger os sistemas urbanos complexos de sobrevivência.** Os sistemas complexos e interconectados que fornecem serviços de água, eletricidade e saneamento, essenciais para a saúde nas cidades, estão entre as primeiras vítimas das guerras urbanas. Todos devem



Durante a avaliação dos danos causados pelos combates na cidade iemenita de Sanaa, um funcionário do CICV escuta um morador descrever a sua situação. Abril de 2015.

tomar todas as medidas necessárias para garantir que esses sistemas nunca sejam atacados ou interrompidos.

6. **as partes em conflito e a comunidade internacional a respeitar os direitos e a se abster de deslocar as pessoas, lidando com as necessidades dos deslocados no seu país.**
7. **as autoridades e a comunidade internacional a proteger e assistir os refugiados desses conflitos.**
8. **as autoridades, as partes em conflito e a comunidade internacional a fazer muito mais para garantir que os provedores dos serviços básicos e os profissionais humanitários sejam protegidos.**
9. **as autoridades, os profissionais humanitários e a comunidade internacional a investir mais na garantia de que as vítimas de violência tenham acesso a serviços apropriados de apoio psicossocial e de saúde mental.**
10. **as autoridades, os profissionais humanitários e a comunidade internacional a ajudar a reconstruir as comunidades, não somente a infraestrutura.** As cidades são feitas de pessoas, não apenas de prédios. O modo em que as cidades serão reconstruídas terá um tremendo impacto na possibilidade de as pessoas superarem ou não os traumas.

“MEU FILHO MORREU SUFOCADO”

A história de Aleppo, segunda maior cidade da Síria: cercada e atacada

Uma das maiores da Síria, com uma população de 2,1 milhões de pessoas, Aleppo é conhecida como uma das mais antigas cidades habitadas ininterruptamente no mundo.

Para moradores como Yasser, ex-instrutor desportivo, de 50 anos, e vendedor ambulante do bairro de Boustan al-Qasr, Aleppo era uma excelente cidade para se viver, um lugar seguro onde os seus negócios prosperavam e onde ele e a mulher podiam criar os cinco filhos com tranquilidade.

Porém, mais de quatro anos de intensos confrontos mudaram tudo isso. Os bairros densamente povoados de Aleppo se tornaram o palco de bombardeios reiterados e sistemáticos, tanto de munições lançadas por via aérea como por bombas de artilharia terrestres - todas

causando destruição maciça e milhares de vítimas. Finalmente, nenhuma área da cidade foi poupada da violência.

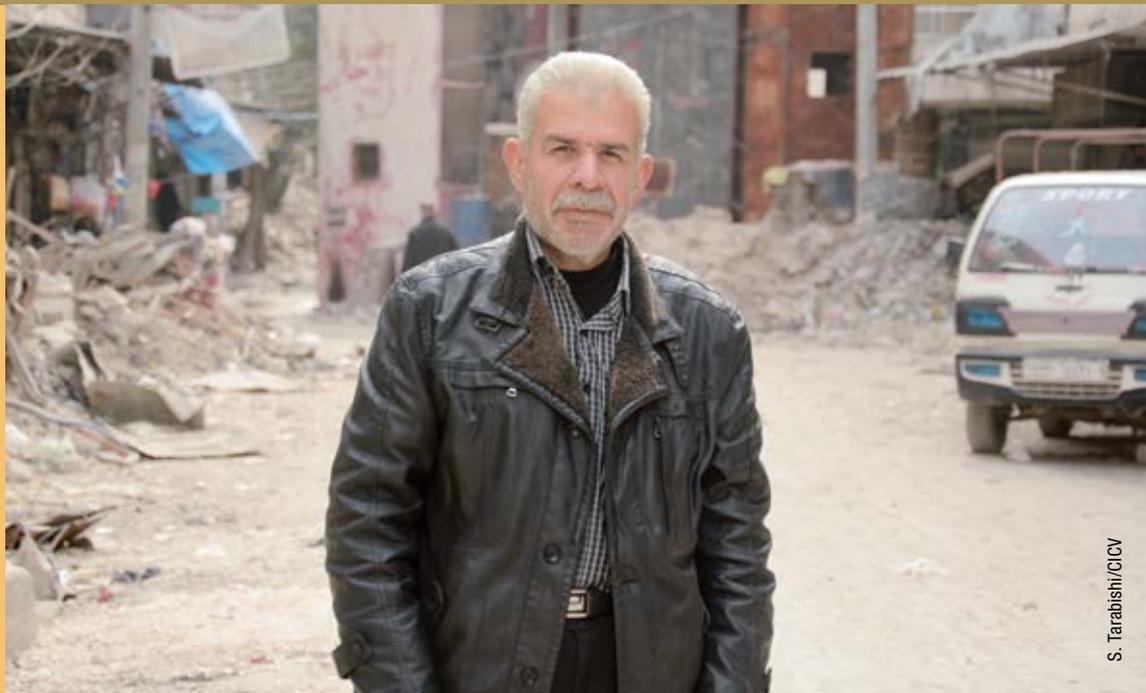
O bairro de Yasser é um dos muitos que ficaram quase completamente destruídos. Hoje, os edifícios residenciais, as escolas, os negócios e as lojas são carcaças bombardeadas e as ruas, que costumavam ser movimentadas, são caminhos quase vazios que contornam pilhas espalhadas de escombros.

Para Yasser, o horror dos combates foi demasiado real. O prédio dele foi bombardeado depois que um grupo armado de oposição começou a operar no bairro. “Meu filho morreu sufocado no ataque”, diz Yasser. “Os três primeiros andares do edifício desabaram. Ele não teve nenhuma chance.”



As ruas do bairro de al-Jaidida em Aleppo, outrora pulsantes, foram destruídas pela guerra. Janeiro de 2017.

“O prédio desabou. Ele não teve nenhuma chance.”



S. Tarabishi/CICV

A HISTÓRIA DE YASSER

Com suas próprias palavras

Eu nunca quis me misturar com as partes envolvidas na guerra. Tinha plena consciência dos riscos se pessoas armadas estivessem na área. Um posto militar próximo de onde vivíamos nos colocou em perigo. Mas aconteceu mesmo assim – o desastre chegou até nós quando o nosso edifício foi atingido. O meu filho morreu sufocado no ataque. Os primeiros três andares do prédio desabaram. Ele não teve nenhuma chance.

Estávamos presos entre uma rocha e uma parede sólida, não havia como sair. Não gostaria que ninguém passasse pelo que passamos.

Depois da morte do meu filho, a minha mulher ficou com muito medo. Não víamos mais alguns dos nossos filhos. Um estava no exército havia quase sete anos e mandei o meu segundo filho estudar na Alemanha, na esperança de um futuro melhor para ele. A minha filha se operou duas vezes antes da crise por um ferimento no tendão da perna. Ela não pôde receber os cuidados médicos durante todo o período da violência.

O meu caçula tem problemas com os números e tinha aula em uma pequena mesquita perto de casa. Quando a mesquita foi bombardeada, a esperança do meu filho para um futuro melhor foi despedaçada.

Quando começou o cerco do leste de Aleppo no último Ramadã (2016), a situação se agravou ainda mais, já que as pessoas ficaram presas no local durante 190 dias. A situação era de um estado de paralisia. O meu filho estava sempre com fome, pois não havia nada para comer ou beber. A comida era extremamente cara. Éramos obrigados a comer diferentes tipos de pratos feitos com lentilha. Como resultado, perdi 25 quilos.”

UM NOVO NÍVEL DE CONFLITO URBANO?

A história de Yasser é uma das muitas que se repetiram milhares de vezes durante os últimos quatro anos, em vários lugares de Aleppo. Enquanto a cidade se dividia entre o leste (controlado pelos grupos armados de oposição) e o oeste (sob controle do governo), entre julho de 2012 e dezembro de 2016, houve confrontos intensos e quase diários, com uso massivo de armamento explosivo pesado em áreas povoadas.

Durante o decorrer do conflito, as imagens das crianças de Aleppo chocavam cada vez mais o mundo: os seus rostos ensanguentados, vistos em vídeos com expressões aterrorizadas, surpresas ou traumatizadas, ou sem vida nos braços dos resgatistas depois de serem retiradas dos escombros.

À medida que a violência aumentava, os profissionais humanitários e os prestadores de serviços básicos tinham grandes dificuldades em atender as necessidades cada vez mais dramáticas da população, especialmente porque o acesso humanitário era muito limitado em certas áreas. Eles descreveram a situação em termos ainda mais urgentes.

HUMANIDADE SOB ATAQUE

À medida que aumentava a frequência dos ataques contra a assistência à saúde e os profissionais humanitários no mundo todo, a batalha por Aleppo se tornou emblemática dos perigos enfrentados pelos profissionais de saúde durante os conflitos urbanos.

O CICV e outras organizações humanitárias alertaram reiteradamente sobre o agravamento da situação humanitária. A infraestrutura básica como hospitais, abastecimento de água, redes elétricas e escolas continuaram sendo atacadas em Aleppo e outras áreas urbanas. Em 2015 e 2016, uma sequência de ataques contra hospitais e estabelecimentos de saúde matou médicos e pacientes, impedindo que a assistência à saúde necessária com urgência chegasse a milhares de pessoas.

“O que estamos testemunhando é um ataque contínuo e um enorme desrespeito à prestação de assistência à saúde durante os conflitos”, afirmaram os presidentes do CICV, Peter Maurer, e dos Médicos Sem Fronteiras (MSF), Dra. Joanne Liu, em um editorial conjunto para o jornal britânico *The Guardian*.⁹

O conflito sírio é um dos mais perigosos do mundo para os profissionais humanitários. Nele, 63 funcionários e voluntários do Crescente Vermelho Árabe Sírio perderam a vida,¹⁰ todos mortos enquanto desempenhavam as suas funções, muitos deles em cidades como Aleppo e Homs. Muitos outros profissionais também foram feridos ou mortos ao tentar restabelecer os serviços básicos ou resgatar outras pessoas em situações de emergência.

Os ataques contra os profissionais e os estabelecimentos de saúde chamaram a atenção para este problema e levaram à adoção da Resolução 2286 de 3 de maio de 2016 pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas. Esta faz um apelo a todas as partes beligerantes para protegerem os profissionais e estabelecimentos de saúde – princípios já consagrados no DIH. A resolução condena com veemência os atos de violência e as ameaças contra os doentes e feridos, profissionais de saúde e humanitários. Agora, são necessários a vontade política para colocar essas palavras em ação e o comprometimento real de todos os lados.

HUMANIDADE À MOSTRA

A história de Aleppo nesses últimos cinco anos não se resume somente à violência e crueldade. Apesar da violência que os cercava e dos perigos diários, o Crescente Vermelho Árabe Sírio e seus voluntários – junto com as pessoas comuns e outras organizações humanitárias – demonstraram ter resiliência, dignidade e coragem incríveis enquanto realizavam o seu trabalho para ajudar as pessoas a sobreviverem em situações ainda mais difíceis.

Embora empreendessem os maiores esforços, as equipes do CICV não puderam ingressar com ajuda no leste de Aleppo, entre abril e dezembro de 2016, e o CICV somente pode prestar apoio de modo remoto, como, por exemplo, pagando pela água, materiais de saneamento e gás para as cozinhas coletivas e os salários das pessoas que trabalhavam ali.

Os restos de uma ambulância entre os destroços do distrito de al-Kallaseh, em Aleppo. Fevereiro de 2017.



EVACUAÇÃO DO LESTE DE ALEPPO

Em dezembro de 2016, após semanas de combates terríveis – durante os quais as linhas de frente se fecharam ao redor dos últimos bastiões da oposição, encurralando os civis dentro deles – as partes envolvidas concordaram em permitir que civis e combatentes fossem evacuados do leste de Aleppo. Os combates finalmente terminaram em 15 de dezembro, e, entre esta data e 22 de dezembro, mais de 35.000 pessoas foram evacuadas a áreas rurais vizinhas. Centenas de feridos e doentes estavam entre essas pessoas. As equipes do Crescente Vermelho Árabe Sírio e do CICV passaram os dias e as noites no local durante esta evacuação, oferecendo assistência à saúde e transporte e prestando apoio e aconselhamento na medida do possível em uma situação muito penosa e confusa.

A evacuação foi a primeira vez desde 2016 que as equipes do CICV puderam obter acesso a certas áreas do leste de Aleppo. “Havia carros

queimados. Saía fumaça dos prédios próximos”, conta a chefe da delegação do CICV na Síria, Marianne Gasser, que esteve no local durante as últimas semanas de violência e toda a evacuação. “Havia muito medo e incerteza. Quando chegamos, a cena era desoladora. As pessoas se deparavam com uma escolha impossível. Os olhos cheios de tristeza.”

Com temperaturas abaixo de zero, as pessoas queimavam o que podiam encontrar, inclusive cobertores e roupas, para manterem a si e seus filhos aquecidos enquanto esperavam o momento de partir. “Muito poucas famílias decidiram ficar”, explica Gasser. “No entanto, a maioria não tinha muito o que escolher e decidiu que era melhor partir a essa altura, com as suas casas transformadas em escombros, escassa comida e sem água nem luz. Sem mencionar a violência que elas vêm testemunhando há tanto tempo. Ninguém pode suportar tanto sofrimento.”



O CICV e o Crescente Vermelho Árabe Sírio avaliam as condições de vida no distrito de Masaken Hanano, leste de Aleppo, caso as pessoas decidam regressar a esse lugar. Novembro de 2016.

VOLTAR PARA CASA

Apesar de ser feita referência a uma “Aleppo pós-conflito”, os confrontos continuam nos arredores. Antes de que possamos falar de recuperação, devem-se abordar as necessidades humanitárias importantes e urgentes. Estima-se que 140.000 pessoas regressaram desde que a violência urbana terminou. Outros milhares ainda não podem voltar, em parte devido aos grandes estragos às suas casas. O mesmo acontece em outras cidades onde a violência retrocedeu anteriormente, como Homs. Um aspecto crucial é que se permita e se ajude a todos os civis deslocados – de Aleppo e outras áreas – a voltar para os seus lugares de origem e casas, de maneira segura, se e quando queiram.¹¹

Ver Efeitos sobrepostos: Pessoas deslocadas em áreas urbanas, página 46.

Embora tenha sido dividida durante vários anos, Aleppo sempre foi interdependente e a população se locomovia entre as áreas, desde que isso fosse possível. As famílias tinham parentes em distintas áreas e muitos fugiram para outros bairros no auge da violência ou abandonaram completamente a cidade. O sentimento de trauma e perda é coletivo, a magnitude da destruição é enorme e ainda há perigos significativos trazidos pelos artefatos não detonados e outros resíduos de guerra.

“Não posso abandonar a minha cidade. Aqui, posso manter a minha dignidade.”



“Aleppo era o paraíso, tínhamos tudo. E então, de repente, não tínhamos nada. Nunca pensei em partir. Porém, não culpo as pessoas que foram embora: elas não tinham escolha. Aleppo era uma cidade segura. De repente, um lugar tranquilo se transformou num extremamente perigoso. Eu diria que pelo menos 40 por cento das pessoas saíram desse bairro.

Mohammad, 48 anos, pai de cinco filhos, se sustenta fabricando móveis em um pequeno negócio no bairro de al-Mashraqa em Aleppo, que esteve na linha de frente entre as forças governamentais e de oposição no leste de Aleppo durante todo o período de hostilidades.

“LEMBRANÇAS DE UMA CIDADE QUE JÁ FOI CHEIA DE VIDA”

Uma cidade antiga no meio de um conflito esquecido

Localizada a uma hora de carro do Mar Vermelho, no sudoeste do Iêmen, a antiga cidade montanhosa de Taiz já foi a base industrial do país, centro da produção de café e capital cultural.

Hoje, partes da cidade estão em ruínas, incluindo os edifícios de tijolos marrons e brancos, sua marca registrada. As ruas estão repletas de carros queimados e escombros.

Os moradores – mais de meio milhão de pessoas¹² – sofreram profundamente, aguentando bombas, disparos de franco-atiradores, combates nas ruas e bombardeios aéreos. Embora estima-se que centenas de milhares fugiram da cidade,¹³ aproximadamente 200.000 permaneceram

durante os 15 meses em que Taiz ficou quase completamente sitiada. Ver Efeitos sobrepostos: Cidades sitiadas, página 40.

O impasse relativo entre as forças opostas significa que as linhas de frente não se moveram de modo significativo em meses – deixando a população em meio a esse impasse implacável e prolongado.

Embora o cerco tenha sido parcialmente levantado, a situação humanitária atual da cidade continua catastrófica: não há comida e os serviços públicos – incluindo assistência à saúde e educação – colapsaram completamente. Ruas que já foram vibrantes, se tornaram lugares de medo. Ver a História de Hanan a seguir.

Mulheres e crianças buscam água de um caminhão-pipa em uma área sitiada de Taiz. Novembro de 2016.



K. Al-Saeed/CICV



CONSEQUÊNCIAS CATASTRÓFICAS PARA A SAÚDE

Assim como em outras cidades em guerra, o impacto na assistência à saúde foi catastrófico. Em um único período de 72 horas, em novembro de 2016, os principais hospitais em Taiz receberam uma média de 200 pacientes feridos por dia, muitos dos quais sofreram lesões por explosões, tendo de amputar membros.

Essa demanda avassaladora para o atendimento médico urgente chegou no exato momento em que todo o sistema de saúde em Taiz colapsou. Nenhum centro de saúde permaneceu aberto e os dois únicos hospitais da cidade funcionam com recursos mínimos e cada vez menos profissionais. Os funcionários que ficam devem trabalhar longas horas, com cortes frequentes de energia elétrica e bombardeios devido à proximidade com as linhas de frente.

Já que os hospitais devem priorizar as pessoas com lesões de risco de vida, eles raramente têm tempo ou recursos para lidar com questões de saúde pública como saúde materno-infantil, doenças crônicas e respiratórias, vacinação rotineiras ou monitoramento de doenças infecciosas. Os hospitais de campo organizados pelos grupos armados focam principalmente nos feridos.

Os serviços de ambulância normais são virtualmente inexistentes e os combates com frequência interferem na capacidade dos profissionais humanitários e de saúde de chegar até os feridos. Qualquer missão de campo de emergência requer várias negociações por telefone e nos postos de controle da cidade. Essas negociações levam tempo, colocando vidas em risco.

Tudo isso foi agravado pela situação desesperadora dos serviços de saúde em todo o país: mais de 160 estabelecimentos de saúde atacados desde 2015¹⁴ e centenas mais obrigados a fechar por falta de combustível e material, somente 45 por cento dos estabelecimentos estão atualmente em funcionamento.¹⁵ A pouca quantidade de medicamentos e material médico que entra no Iêmen – menos de 30 por cento do que é necessário – e o pagamento irregular dos profissionais de saúde e prestadores de serviços básicos agravam esse quadro.

Homem caminha entre a destruição causada pelos confrontos em seu bairro. Dezembro de 2016.





“Naquele dia, a minha vida acabou.”

— Hanan, moradora de Taiz que perdeu o marido, com a sua filha nos braços.

A HISTÓRIA DE UMA VIÚVA

Com suas próprias palavras

O meu marido não era um combatente. Ele nem sabia como usar uma arma. Ele tinha o seu próprio consultório dental e eu trabalhava ali como assistente. Tínhamos uma bebê recém nascida. Éramos muito felizes até que a guerra começou na cidade. Aí, tudo mudou.

Não queríamos deixar o lugar onde passamos toda a nossa vida. Decidimos, então, ficar na nossa casa onde o meu marido tinha o consultório, apesar dos confrontos intensos e bombardeios aleatórios.

Todos os nossos vizinhos foram embora, pois havia muita destruição, sangue, medo e solidão no lugar.

Eu abraçava a minha filhinha quando havia confrontos e a levava a outro quarto para protegê-la melhor do barulho.

Em um desses dias difíceis, o meu marido saiu para comprar coisas para a casa. Na volta, ele morreu de um disparo de um franco-atirador que estava em um telhado próximo.

Naquele dia, a minha vida acabou. Perdi o meu marido, o meu trabalho e a minha casa. Não conseguia pagar o aluguel e fui morar com a minha família. Meu pai, com uma renda limitada, apoia os meus sete irmãos e nós. Não sobrou nada para mim nesta vida, exceto as memórias de uma cidade que foi, uma vez, cheia de vida.

Queria que a guerra terminasse e que pudéssemos ver as crianças irem à escola. Quero ver elas brincando e se divertindo como antes. Quero um futuro melhor para a minha filha, um futuro sem guerras ou mortes.



A. Lohm/GCV

Crianças brincam nas ruas de Mossul, cidade que sofreu muito com as recentes ofensivas. Grande parte das casas e da infraestrutura civil foi destruída ou danificada. Março de 2017.

MOSSUL, IRAQUE

“PARA ONDE QUER QUE VOCÊ OLHASSE, ALGUÉM ESTAVA TENTANDO TE MATAR”

Caracterizada por combates intensos, nas ruas e nas casas, a batalha por Mossul parecia, no início, evitar a destruição em grande escala que se via em outros confrontos urbanos no Iraque. Mas, à medida que aumenta o número de vítimas, os custos para os civis se tornam cada vez mais insuportáveis.

Yousef tomava o café da manhã quando a batalha pela cidade chegou até à sua porta. “Enquanto eu tomava um gole de chá, uma explosão veio do nada”, conta. “Estilhaços perfuraram os meus braços e pernas. Fiquei de pé, corri para o carro e fui levado para o hospital. Tinha ferimentos nas pernas, cabeça e braços. Toda a minha família foi ferida no ataque.”

Yousef teve sorte de sobreviver. Mas esta terrível experiência esta se tornando familiar a muitas pessoas com o recrudescimento dos combates em Mossul, levando sérios desafios aos 1,5 milhão de moradores.

As operações militares que acontecem dia e noite, mudando rapidamente a linha de frente, o medo pela segurança dos entes queridos e os perigos reais ou percebidos de sair em busca de serviços de emergência como assistência à saúde, água ou comida são apenas algumas das dimensões do enorme custo dos combates para os civis.

Joshua Baker, que dirigiu o documentário *Battle for Mosul* (A Batalha por Mossul), produzido por PBS e The Guardian, diz que não havia quase nenhuma distância entre os combatentes e os civis durante os confrontos no leste de Mossul.

“Um dos comandantes me contou que, às vezes, os combates são tão pesados que ele está na cozinha disparando contra o inimigo, que está na sala revidando, enquanto há civis – famílias – nos quartos acima”, conta Baker, que estava inserido em um grupo iraquiano de forças especiais em Mossul, antes de ficar ferido em um ataque.

Baker sentiu que a violência extrema que ele testemunhou foi normalizada pela população

traumatizada. Ele conta esta história de quando o comboio em que estava sofreu uma emboscada:

“Conseguimos sair de marcha ré [com o nosso Humvee à prova de balas] uns 200 metros até outra rua. Enquanto esperávamos ali, vimos combatentes bem na esquina. Havia crianças brincando do nosso lado. Eu saí do Humvee e caminhei em busca de uma cobertura segura, e um homem-bomba explodiu na outra rua. Havia outras crianças brincando do lado desse lugar, os seus pais ali perto. Você sabe que eles têm consciência do que está acontecendo, mas a violência parece ter sido normalizada de algum modo.”

Além disso, o manejo inadequado dos restos mortais, que são deixados ao ar livre ou cobertos pelos escombros, piora o sentido de desconforto e desespero, mesmo que as pessoas comecem a retornar a uma vida mais normal. Muitos corpos foram deixados em áreas públicas, inclusive perto de fontes de água, agravando o impacto emocional nos civis e aumentando o medo.¹⁶

“Só fomos embora por causa dos bombardeios. Se tivéssemos ficado, estaríamos mortos agora.” Nos conflitos urbanos, as casas das pessoas podem se tornar campos de batalha. Khaled e a mulher (na foto) sentam-se em um dos quartos fortemente atingidos dentro da sua casa no bairro de al-Tamnín. Fevereiro de 2017.





Famílias deslocadas do oeste de Mossul. Março de 2017.

Hoje em dia, a área no leste de Mossul ainda enfrenta desafios para assegurar os serviços básicos como água, eletricidade, assistência à saúde e coleta de lixo. Os mercados estão funcionando de novo e os restaurantes voltaram a abrir, mas muitas pessoas não podem comprar a comida disponível.

“Ainda faltam muitos serviços básicos”, diz o coordenador do CICV no terreno em Erbil, Dany Merhy. “Algumas pessoas estão abandonando de novo as suas casas para os acampamentos ou

outras áreas porque ainda estão sem serviços ou comida. E as organizações humanitárias ainda têm dificuldades para conseguir o acesso seguro a várias partes da cidade.”

Muitas casas, prédios públicos, hospitais e áreas ou ruas danificadas precisam de conserto ou reconstrução. Enquanto isso, a situação de segurança continua delicada, já que lugares públicos, como os mercados, ainda são alvos de ataques.

ficar ou partir: uma decisão de vida ou morte

Apesar das privações e perigos, a batalha por Mossul também reflete alguns progressos nos esforços para prevenir os deslocamentos e a imensa perda de vidas e danos. É a mais recente das grandes batalhas urbanas no Iraque nos últimos 14 anos, incluindo as de Bagdá, Fallujah e Ramadi.

A batalha recente por Ramadi, que foi retomada do Estado Islâmico pelo exército iraquiano depois de quatro meses de combates furiosos, foi extremamente destrutiva. A maioria dos moradores de Ramadi escaparam da cidade em algum momento durante os confrontos.

Mas como 80 por cento da cidade estava destruída¹⁷ – e coberta de explosivos – não havia quase nada para onde os moradores pudessem voltar. Em meados de março de 2017, mais de um ano depois do fim da batalha, apenas 60 por cento dos que fugiram tinham regressado.¹⁸

Em todo o país, mesmo antes do início da ofensiva iraquiana em Mossul, em outubro de 2016, ao redor de 10 por cento de iraquianos foram deslocados das suas casas,¹⁹ e cerca de um terço necessitava de algum tipo de assistência humanitária de urgência. Aparentemente com a finalidade de evitar outro êxodo em massa e

potencialmente desastroso, o exército iraquiano distribuiu folhetos em Mossul incentivando os civis a ficarem nas suas casas.

Para os civis, a decisão de ficar ou deixar suas casas é complexa e, em muitos casos, impossível, dados os riscos envolvidos em cada escolha: fugir e arriscar ser morto no caminho ou ficar e arriscar ser atingido pelo fogo cruzado? Eles não têm garantias, em nenhum dos casos, de que as

suas necessidades e as de suas famílias serão atendidas. Ver Efeitos sobrepostos: deslocados em áreas urbanas, página 46.

No caso de Mossul, depois de três meses de batalhas encarniçadas nas ruas do leste da cidade, menos de um sexto dos moradores havia abandonado a cidade para os povoados vizinhos em janeiro de 2017.²⁰ Isso foi significativamente menor do que se havia previsto.

“Parte da violência parece ter sido normalizada.”

Ao passar diante de soldados iraquianos, um garoto encontra uma forma criativa de usar sua bicicleta para levar combustível para casa. Março de 2017.



COMBATES PESADOS, LINHAS DE BATALHA INDISTINTAS

Embora o oeste de Mossul seja uma área geograficamente pequena, as suas ruas estreitas e compactas e a alta densidade populacional significavam que as linhas divisórias de batalha não eram claras, aumentando os perigos enfrentados pelo meio milhão de pessoas que permaneciam ali. Ao final de março, menos de um mês e meio depois do início dos confrontos no oeste de Mossul, o número de vítimas civis havia aumentado rapidamente. A quantidade de deslocados também. No início de abril, mais de 300.000 moradores continuavam deslocados de Mossul e arredores,²¹ cerca de 274.000 vinham da própria cidade.²² Ainda assim, há algumas rotas seguras pelas quais a população pode fugir. Embora continue sendo impossível confirmar o número de mortes, os hospitais passaram a notar um aumento na quantidade de feridos. Enquanto segue a batalha pelo oeste de Mossul, os profissionais humanitários ainda enfrentam dificuldades para conseguir o acesso seguro e desimpedido à área para distribuir comida, água, assistência à saúde e outros serviços básicos e vitais.

Mossul ilustra as novas tendências e apresenta os novos desafios para a proteção dos civis e da infraestrutura nas guerras urbanas. Ao mesmo tempo que a batalha é travada pelos combatentes no chão e dentro da cidade, com o apoio e ataques aéreos da coalizão iraquiana, as novas tecnologias fazem a sua aparição, como as granadas lançadas por drones.

Na batalha por Mossul, muitos combatentes reconhecem que a meta a longo prazo é garantir a estabilidade do Iraque. “Mas, como me disse um comandante”, comenta Baker, “as metas de curto prazo são cumprir com a missão e ganhar a próxima batalha. As metas de longo prazo são obviamente mais importantes, mas as de curto prazo podem te matar se não forem cumpridas.”



Família abandona a sua casa após a interrupção dos combates no bairro de Mossul. Fevereiro de 2017.



“Os ataques vêm de todas as partes, incluindo homens –bomba, caminhões–bomba, granadas lançadas de drones e franco–atiradores.... Para onde quer que você olhasse, alguém estava tentando te matar.”

— Joshua Baker, diretor de *Battle for Mosul* (A Batalha por Mossul), documentário produzido por PBS e The Guardian.

“As pessoas nos receberam apesar das suas próprias circunstâncias difíceis.”

— *Mohammed, em sua casa destruída, ao lado do irmão Ibrahim.*

A. Liohn/ICV

VOLTAR PARA AS RUÍNAS

Com suas próprias palavras

Bombas, morteiros e balas passavam zumbindo sobre nossas cabeças. Todo mundo no nosso bairro estava fugindo. Era horrível. Mulheres, crianças e pessoas com deficiência tinham de atravessar isso até chegar a uma área mais segura.

[As pessoas] nos receberam apesar das suas próprias dificuldades e circunstâncias humildes. Pensamos que podíamos voltar em dois dias, então saímos sem nada, apenas com as roupas do corpo. Acabamos ficando 45 dias longe. Então voltamos.

Encontramos o nosso carro virado uma carcaça e as nossas casas totalmente danificadas. Quatro combatentes tinham se explodido na nossa casa. Retiramos dois corpos para a rua.

Você pode se recuperar de um carro queimado, mas não de uma casa destruída. É o lugar que é o seu lar, e nada é mais precioso do que isso.

Hoje, Mossul não é segura. Há destruição em toda a parte. Somos os moradores que temos que limpar toda a sujeira.



Mohammed conta a história de como ele, o irmão Ibrahim e as famílias fugiram do bairro no leste de Mossul quando os confrontos se intensificaram, esperando voltar em alguns dias. Quando voltaram depois de um mês e meio, encontraram a casa destruída e a área muito danificada.



Zona residencial atingida no leste de Mossul. Fevereiro de 2017.

COMO É VIVER EM UMA CIDADE EM GUERRA?

Nenhuma única história consegue descrever adequadamente os vários horrores da guerra urbana. Uma cidade em guerra é como um microcosmo de um conflito maior, mas com uma diferença: as consequências da guerra urbana são com frequência sobrepostas com a densidade e a diversidade da população da cidade e pela dependência das pessoas na infraestrutura complexa e muitas vezes frágil da cidade. A população das cidades nas linhas de frente do conflito deve muitas vezes enfrentar várias privações que se interligam e se potencializam.

As pessoas que vivem sob um **cercos**, ou em situações análogas, não têm nem mesmo as condições mais básicas para uma vida normal: comida, eletricidade, água e assistência à saúde.

Muitas pessoas tiveram de abandonar as suas casas, mudar de um bairro para outro, ou de uma cidade para outra - reiteradamente, em alguns casos - ou para o interior. Essas pessoas, **deslocadas** dentro do seu próprio país, também devem lidar com o fato de que muitos lugares aos quais fogem são inseguros e sem condições para atender as suas necessidades.

Uma das razões para que as necessidades não sejam atendidas é que os conflitos urbanos com frequência destroem ou interrompem o **sistema complexo** de serviços - eletricidade, água, saneamento, coleta de lixo, assistência à saúde - que sustentam a vida urbana. Grande parte da interrupção é causada pelo uso de **armas explosivas com amplo impacto**, que não somente matam as pessoas e destroem prédios mas possuem efeitos graves de longo prazo nos sistemas que suportam a vida e saúde nas cidades.

As cidades, porém, são mais que prédios, ruas e infraestrutura. O ruído constante das bombas, o medo de sair, a morte de amigos, familiares e vizinhos: tudo isso possui um **impacto emocional e psicológico** que deve ser abordado.

Nas seções seguintes, apresentaremos pessoas que lidam com todas essas questões, ilustrando o tremendo impacto nos indivíduos e nas populações urbanas como um todo.

1

CIDADES SITIADAS

2

PESSOAS DESLOCADAS EM ÁREAS URBANAS

3

SISTEMAS URBANOS COMPLEXOS

4

ARMAS EXPLOSIVAS EM ÁREAS POVOADAS, ARMAS QUÍMICAS E CONTAMINAÇÃO POR ARMAS



A equipe do CICV avalia os prejuízos causados pelos recentes combates no distrito de Sawan, na cidade iemenita de Sanaa. Maio de 2015.

“VIVER NO SUBTERRÂNEO”

Isolados do mundo exterior e agarrando-se à vida.



A guerra urbana no Oriente Médio é atualmente caracterizada pelo uso crescente de uma antiga forma de guerra urbana: o cerco.²³ Em 2016, o leste de Aleppo esteve submetido ao conhecido cerco que durou 190 dias; a obstrução da assistência humanitária causou um imenso sofrimento nos civis de muitas outras cidades do Oriente Médio como Fallujah, Taiz, Deir Ezzor, Foua, Kefraya e Madaya.

Na Cidade Velha de Homs, na Síria, que esteve sob um cerco de maio de 2012 a maio de 2014, o vendedor ambulante Abu Hani disse que a sua família juntava lenha nas ruas de noite, já que não havia diesel ou gás e eles não podiam se mover durante o dia por causa dos confrontos.

Devido à escassez de comida, acrescenta, as pessoas tentavam cultivar os seus próprios legumes, mas muitas vezes não havia outra alternativa do que comer lentilhas parcialmente podres e plantas que cresciam nas ruas que, em circunstâncias normais, não seriam comestíveis. Perdemos muito peso [durante este tempo]”, conta Hani. “Não se pensa muito em comida quando se tem medo, uma refeição é suficiente.”

Em alguns casos, as cidades em conflito estão praticamente sob cerco devido à dificuldade extrema de ingressar ou retirar produtos. O cerco parcial imposto em Taiz desde a metade de 2015 levou a economia local ao ponto de colapso. “A maioria dos mercados da cidade fecharam, e naqueles que ainda tem comida, os preços são tão altos que as pessoas não têm dinheiro suficiente para comprar nada”, explica Nancy Hamad, chefe do escritório do CICV em Taiz. “Os casos de desnutrição aumentaram rapidamente, especialmente entre as crianças.”

“As pessoas buscam comida no lixo porque não conseguem comer”, acrescenta. “Vimos mulheres fervendo folhas de árvores para dar algum tipo de sopa quente aos filhos.”

Os combates em uma cidade sitiada, ou ao redor dela, podem causar a destruição dos cultivos dentro da cidade ou dos arredores, ou tornar os campos inacessíveis. Em um campo para deslocados internos, as crianças que haviam saído recentemente de um cerco se lembram da fome atroz. “Não me lembro a última vez que vi uma galinha ou uma ovelha”, conta uma delas.

“Até hoje as minhas filhas acordam de noite, com medo. Elas querem a mãe. Têm saudades dela. Todos temos.”



Abu Hani, que perdeu a mulher e o filho quando dois foguetes atingiram a sua casa na Cidade Velha de Homs, ao lado das três filhas. Após dois anos e meio de deslocamento, eles agora estão de volta à casa, que repararam com a ajuda de doações. Janeiro de 2017.

Em outra cidade sitiada, as pessoas sobreviviam com uma pequena refeição por dia: normalmente uma sopa feita com água e trigo ou cevada. As pessoas podiam comer arroz ou bulgur, se disponíveis. Algumas mulheres contaram aos delegados do CICV que visitavam o lugar que os seus filhos não sabiam o que era uma fruta.

É extremamente difícil para as organizações humanitárias levar alimentos e outros artigos básicos, como material médico, para as pessoas que estão sitiadas, sendo este o motivo pelo qual continuam fazendo apelos urgentes para o acesso a cidades sitiadas.

O DIH não proíbe os cercos dirigidos exclusivamente às instalações militares do inimigo, mas proíbe certas práticas, ou métodos de guerra, comumente associados com os cercos, como fazer a população civil padecer de fome. Além disso, requer que as partes envolvidas assegurem-se de que os feridos e doentes tenham o atendimento médico que necessitem. Tanto os que estão sitiados como os que sitiam devem tomar constantes precauções, ao realizar operações militares, de não causar danos aos civis.

SOBREVIVER EM UMA SITUAÇÃO DESESPERADORA

Em um campo de deslocados, um grupo de crianças que haviam deixado recentemente uma cidade sitiada na Síria finalmente puderam brincar. “Sou tão feliz aqui”, diz uma. “Finalmente posso correr por aí. Antes, vivíamos debaixo da terra, raramente saíamos para fora por causa dos bombardeios. Os nossos únicos brinquedos eram pedaços de pedra.”

Morando, muitas vezes, em refúgios destruídos, as pessoas em cercos aprendem a viver sem eletricidade ou água corrente, demonstrando uma resiliência extraordinária. Quando não havia mais produtos de limpeza cotidianos nos mercados locais, as pessoas usavam cinzas para lavar a roupa. Alguns faziam o seu próprio combustível através de um processo improvisado

de refinamento de plástico. Pequenos pedaços de plástico eram queimados em cilindros durante nove horas para extrair um líquido conhecido como talqa, que pode ser coletado e usado em geradores, motos, bombas de água e outras máquinas.

Água potável também é um recurso raro e precioso. Os poços disponíveis são usados para regar os cultivos, a água desse modo deve ser fervida antes do consumo – mas algumas pessoas a bebem diretamente dos poços, arriscando-se a contrair doenças transmitidas pela água. A água dos poços também é levada por trator a alguns bairros, mas devido à falta de combustível, os geradores que fazem as bombas funcionarem somente trabalham de uma a três horas por dia.

ASSISTÊNCIA À SAÚDE EM SITUAÇÕES DE CERCO

Para os hospitais, a falta de água limpa e nutrição adequada significa um aumento nos casos de infecção intestinal, em acréscimo ao fluxo constante de feridos por tiros ou explosões. Muitos hospitais são atacados ou têm escassez severa de equipamentos e material médico básicos, incluindo anestésicos, antibióticos e fluídos intravenosos. Além disso, os poucos materiais cirúrgicos básicos que podem ser encontrados são, muitas vezes, extremamente caros, em um período em que os hospitais ficam sem renda ou fundos.

Embora os funcionários dos hospitais utilizem muitas vezes geradores para se resguardar dos cortes frequentes de eletricidade, a escassez de combustível significa que certos serviços essenciais de saúde não estejam disponíveis. O colapso da economia local ou a ausência de fundos governamentais fazem com que os hospitais não tenham recursos para pagar os salários dos funcionários; médicos, enfermeiros e

peçoal de apoio com frequência fazem esforços heróicos para manter o funcionamento dos estabelecimentos, mesmo com as dificuldades que eles têm para alimentar as suas próprias famílias. Mas, assim como com muitos setores da sociedade, os hospitais sitiados têm graves problemas com o número reduzido de pessoal.

Em muitos casos, as organizações humanitárias fornecem equipamentos, material médico e outro tipo de apoio, incluindo dinheiro para pagar os salários. Porém, as restrições ao acesso às áreas sitiadas fazem com que a ajuda seja inconstante, insuficiente e, em alguns casos, impossível de ser sustentada.

Além disso, há poucos lugares fora das áreas urbanas para os quais a população pode fugir, porque apenas as cidades têm os recursos necessários para amparar uma grande quantidade de pessoas.



A. Al-Rasni/CICV

A restrição no transporte de bens dentro e fora de Taiz, desde julho de 2015, obrigou muitas pessoas a realizarem viagens árduas e às vezes perigosas através de estradas montanhosas e íngremes para conseguir comida e outros produtos básicos. Taiz, Montanha Sabir, Talooq, julho de 2016.



FUGIR DE UMA CIDADE EM GUERRA E VOLTAR A ELA: EXPERIÊNCIAS TERRÍVEIS

Com suas próprias palavras

A história de Ammar e Ranim

Ammar e Ranim sofreram na própria pele os horrores da guerra urbana. Eles contam como fugiram primeiro da cidade de Homs na Síria, devastada pela guerra, com a sua filha pequena, em 2012, vivendo em duas cidades próximas antes de finalmente retornar a Homs. Ammar também lembra da primeira vez que a família voltou para a sua antiga casa em Homs. A história deles não é muito diferente da que viveram aproximadamente seis milhões de pessoas deslocadas dentro da Síria. Ver a seção sobre deslocados, página 46.

Ammar: Quando chegamos a uma área perto da praça do velho relógio de Homs, começou um pesado tiroteio. Um grupo de oposição atacou de um lado e soldados armados revidaram de um prédio próximo ao lugar onde estava o nosso carro. Eu estava de pé, na frente do carro e a minha mulher e a bebê estavam no banco de trás. Os projéteis atingiram os vidros do carro.

Ranim: Finalmente, depois de momentos assustadores, conseguimos chegar até a nossa casa em segurança.

Ammar: Naquele momento, estavam instalando postos de controle no nosso bairro, e a eletricidade e a água foram cortadas. Todas as facilidades básicas da vida foram desaparecendo.

Sair de uma cidade em conflito, porém, não é fácil nem seguro. Ammar e Ranim lembram da saída angustiante da cidade próxima de Tartus.



A. Kambal/CICV

Ammar visita o seu antigo bairro em Homs, na Síria. Janeiro de 2017.

Ammar: Chegamos ao primeiro posto de controle, onde havia muitos soldados. Um oficial veio até nós e nos perguntou o que fazíamos ali. Eu disse que estávamos viajando até Tartus. Ele nos deixou ir, mas nos avisou para dirigir o mais rápido possível. Fizemos o que ele nos disse, mas depois de um minuto chegamos a outro posto de controle. Os soldados nos apontaram as armas imediatamente. Acenei para fora do carro, a minha mulher estava muito assustada.

Um oficial com cara de raiva veio até o carro. “Quem são vocês?”, ele perguntou.

Eu respondi que estava viajando para Tartus com a minha família. Ele me disse que se não tivesse visto a bebê, ele teria ordenado os seus soldados a dispararem contra o carro. “Você foram salvos por ela”, falou. Depois disso, nos deixou seguir o nosso caminho.

Finalmente, eles foram viver em outra área de Homs para que Ranim pudesse continuar com o seu trabalho de professora. Eles dependiam da caridade para as fraldas, roupas e leite para a sua filha.

Ammar: Depois de dois anos, o cerco terminou. Eu estava entre o primeiro grupo que regressou. Fui diretamente ver a minha casa. A nossa rua estava bloqueada por barricadas, então eu tinha que entrar em outra casa e ir pulando os muros até chegar à minha. Não posso explicar os meus sentimentos; estava chocado. A mobília estava toda destroçada, uma das paredes estava destruída.... Busquei e encontrei alguns dos nossos pertences mais importantes – coisas de grande valor sentimental para nós, objetos que nos trouxeram memórias de volta.

Ranim: Chamei Ammar. Ele falava comigo e chorava.

Ammar: Sim. Eu chorava porque não sabia o motivo disso acontecer comigo. Por que isso acontecia conosco?



“SE TIVÉSSEMOS FICADO, ESTARÍAMOS MORTOS AGORA”

Fugindo de, para e dentro de cidades em guerra: os desafios enfrentados pelas pessoas deslocadas em áreas urbanas

Durante os conflitos armados, as pessoas fogem das suas casas por uma série de razões, para proteger a si mesmas e as suas famílias. Fugir pode ser a única maneira de salvar as suas vidas. Em alguns casos, são forçadas a se deslocarem, de modo contrário ao que estipula o DIH. Podem fugir às pressas ou depois de um planeamento cuidadoso, com certos pertences essenciais ou apenas com a roupa do corpo. Seja qual for a maneira em que fogem, o seu deslocamento tem implicações importantes e duradouras para os indivíduos e familiares envolvidos, bem como para as comunidades que os recebem e para o seu país como um todo, especialmente quando as pessoas são deslocadas por longos períodos de tempo.

Cerca de 17,5 milhões de pessoas²⁴ fugiram das suas casas como consequência das guerras em andamento no Iêmen, Iraque e Síria. A maioria delas, aproximadamente 11,9 milhões, permaneceu nos seus próprios países. Conhecidas como pessoas deslocadas internamente, elas estão entre os civis mais vulneráveis. Elas com frequência correm riscos de ataques e nem sempre conseguem chegar a áreas que são inteiramente seguras; sendo muitas vezes deslocadas reiteradamente, com os lugares para onde fugiram se transformando em lugares de onde devem fugir novamente.

“Tínhamos antes uma vida boa e confortável. Tínhamos uma casa e eu tinha um emprego com um salário mensal. Quando a violência irrompeu, eu, como muitos, perdi o meu emprego. Perdemos tudo.

Agora tenho que pedir dinheiro emprestado para comprar leite para as crianças. Não há escola aqui e não posso pagar o transporte para levá-las à escola. O meu filho tem uma doença de pele, mas eu não tenho carro para levá-lo para o atendimento da clínica.”

— Pai iraquiano de dez filhos, deslocado da cidade de Sinjar em 2014 e que, desde então, teve de se mudar de um lugar a outro.



I. Sherkhan/CICV



S. Tarabishi/CICV

Deslocados pelos combates em Mossul fazem fila para obter alimentos distribuídos pelo CICV e o Crescente Vermelho Árabe Sírio em um campo que abriga 250 mil pessoas. Janeiro de 2017.

Marianne Gasser, chefe da delegação do CICV, com duas crianças deslocadas das suas casas em Aleppo. A família delas e muitas outras nesse abrigo foram obrigadas a fugir de novo quando os combates afetaram a área. Julho de 2016.

As pessoas deslocadas podem se mudar a cidades em busca de segurança, comida, abrigo, assistência à saúde e trabalho, mas não há garantia de que encontrarão essas coisas porque os recursos já são escassos ou seriamente reduzidos devido aos combates próximos. Aleppo, cenário de uma das piores batalhas urbanas nos últimos tempos, atraiu milhares de sírios de lugares próximos. Apesar da violência, as zonas de Aleppo pareciam ainda estar relativamente seguras e podem ter atraído as pessoas devido à proximidade das casas delas. Porém, à medida que as linhas de frente foram mudando de lugar e algumas das áreas que anteriormente eram seguras foram afetadas, muitas pessoas tiveram de fugir de novo.

Tudo isso demonstra a magnitude do sofrimento das pessoas. “Em algumas áreas que estive, a devastação é enorme e total”, diz Avril Patterson, a coordenadora de saúde do CICV na Síria nos últimos três anos. “Você fica ali parada, olhando para os edifícios completamente

destruídos ou que são totalmente inabitáveis. E você entra e descobre que existe um hospital de campanha no porão.”

A capacidade de destruição e os métodos de guerra urbana ajudam a explicar os motivos que levaram as pessoas a deixarem as suas casas e comunidades. Em alguns casos, a total falta de serviços básicos e vitais obriga comunidades inteiras a se locomover rapidamente para conseguir atendimento médico de urgência. Veja o caso de Mossul, por exemplo. “Muitos feridos tiveram dificuldades para conseguir atendimento na cidade”, explica Sarah al-Zawqari, delegada de comunicação do CICV no Iraque. “Escutei a história de um rapaz de 13 anos que foi atingido enquanto tentava fugir. Ele não pôde ser evacuado durante três a quatro horas. Um homem me contou que a sua mulher entrou em trabalho de parto e que ele levou entre sete e oito horas para sair da cidade e encontrar um hospital de campanha onde ela pudesse dar à luz.”

DESLOCADOS MAS INVISÍVEIS

Sejam quais forem os motivos para deixar as suas casas, o sofrimento das pessoas que fogem para cidades é agravado muitas vezes pelo fato de elas normalmente serem menos visíveis do que as pessoas que fogem para áreas rurais ou acampamentos estabelecidos para alojar os deslocados. Em algumas cidades sírias, por exemplo, prédios abandonados ou inacabados foram transformados em abrigos coletivos. Algumas famílias fizeram abrigos improvisados nesses prédios; muitas outras se alojaram com parentes.

O movimento em massa da população no oeste de Aleppo em agosto de 2016 é um exemplo claro. Milhares de pessoas fugiram das suas casas e encontraram abrigo em qualquer lugar que pudessem, inclusive em parques públicos, mesquitas, escolas e prédios inacabados. Muitos desses prédios não tinham paredes, banheiros nem água corrente. As estruturas que foram originalmente concebidas para ser moradias de luxo se transformaram em abrigos coletivos não oficiais para os quais não há sistemas de esgotos, instalações hidráulicas ou ruas. As organizações humanitárias tiveram de improvisar a resposta: por exemplo, instalaram isolamento térmico para proteger as pessoas do frio ou do calor, forneceram divisórias para privacidade e elaboraram soluções de curto prazo para o abastecimento de água.

As necessidades das pessoas deslocadas são com frequência muito complexas e não ficam limitadas à assistência material. No caos das partidas repentinas e apressadas, por exemplo, as famílias muitas vezes se separam e as pessoas perdem ou deixam para trás os documentos oficiais necessários para o acesso a serviços básicos como assistência à saúde e educação.

Como as pessoas às vezes se locomovem sem o rastreamento das autoridades ou das organizações humanitárias, pode ser difícil saber onde os deslocados estão, quais são as suas necessidades e como responder de modo eficaz – em particular nos casos de grupos vulneráveis como idosos, pessoas com deficiência e crianças separadas dos seus pais. Nas cidades, em especial as maiores, a dispersão das pessoas deslocadas faz com que sejam grandes os desafios para identificá-las e chegar até elas.

Em algumas cidades, foram estabelecidos sistemas para ajudar a rastrear os deslocados, mas frequentemente não conseguem acompanhar os fluxos. As estimativas de pessoas deslocadas nessas cidades provavelmente serão muito conservadoras, e as informações sobre as suas necessidades incompletas, dificultando ainda mais uma resposta plena e eficaz.

Família usa uma estrada de terra enlameada e montanhosa para fugir das áreas sitiadas de Taiz. Novembro de 2016.



VOLTAR PARA CASA

A segurança dos seus lugares de origem não é a única consideração para as pessoas que desejam voltar às suas casas; a perda de documentos oficiais também pode apresentar uma série de problemas, em especial quando os governos colocam obstáculos burocráticos à reintegração. A destruição de bens é outra questão de grande importância, já que, na maioria dos casos, as pessoas não têm dinheiro nem recursos para reconstruir as suas casas.

“As pessoas querem voltar o quanto antes para as suas casas. Elas se preocupam que outras pessoas se mudarão para o seu apartamento ou que o perderão”, observa Patterson. “Voltar para casa é um maneira de restabelecer a identidade delas. Mas isso depende muito de quanto sobrou da casa.”

Em muitas cidades afetadas por conflitos no Oriente Médio, não resta muita coisa para a qual os deslocados possam voltar. Toma-se o caso de Ramadi no Iraque, por exemplo, onde segundo várias fontes,²⁵ cerca de 2.000 edifícios e 48.000 residências foram parcial ou totalmente destruídos. Além disso, obras fundamentais da infraestrutura, como pontes, o principal hospital, a estação ferroviária e a planta de tratamento de água que serve mais da metade dos moradores de Ramadi, foram destruídos.

UMA PERDA GRADUAL

Algumas pessoas perdem tudo de uma vez, mas as perdas graduais causadas por deslocamento podem ser devastadoras do mesmo modo. O deslocamento prolongado e reiterado pode acabar com os recursos das pessoas que inicialmente conseguem estabilizar a sua situação e recuperar alguns bens, seguidamente com a ajuda de amigos e parentes.

Pode-se analisar o caso de Jamal* e a sua família. Em 2015, intensos ataques aéreos e confrontos em Saqqin, povoado natal de Jamal, na zona rural de Saada, no Iêmen, obrigaram a fugir, junto com a esposa e os oito filhos, a um subúrbio de Sanaa, capital do Iêmen. Antes da guerra, Jamal,

Idoso entra na sua casa em Mossul, destruída pelos recentes confrontos. Para a maioria dos anciãos, é extremamente penoso fugir de casa. Eles costumam ser muito frágeis para ir embora, mesmo que haja intensos combates. Março de 2017.



agora com 50, tinha um emprego estável como trabalhador agrícola. Mas desde que fugiu da sua casa, ele não consegue encontrar trabalho e mergulhou em dívidas. Dois dos seus filhos têm câncer. Jamal está desesperado para sustentar a sua família, que regularmente deixa de comer porque eles não têm dinheiro para a comida.

“Não sobrou nada”, diz. “Vendi o ouro da minha mulher e tudo o que tínhamos. Não posso pagar para levar os meus filhos para o hospital. Vivemos em uma casa, mas não tenho mais dinheiro para pagar o aluguel. Os meus filhos não foram à escola nenhum dia no ano passado [2016] por causa da nossa situação.”

* Nome fictício



P. Kzysisiek/CICV

Aleppo. Criança bebe água de um poço reparado pelo CICV. Agosto de 2015.

SISTEMAS URBANOS COMPLEXOS

“NOSSO OBJETIVO: GARANTIR DE QUE A ÁGUA PERMANEÇA NEUTRA”

A guerra nas cidades e nos seus arredores interrompe a rede de serviços que os moradores precisam para sobreviver

Hamed*, um técnico na estação de tratamento de água na periferia no sudeste de Aleppo, enfrentou muitos desafios enquanto trabalhava para manter os serviços para a população em todos os lados do conflito sírio.

“Durante a crise, tivemos de trabalhar em duas estações [e] costumávamos atravessar as linhas de frente semanalmente, em coordenação com os nossos parceiros humanitários e partes no terreno”, explica Hamed.

Uma das estações de tratamento foi tomada pelos grupos armados durante períodos de tempo e saqueada em busca dos cabos de cobre. “O nosso objetivo era manter a estação funcionando e assegurar que a água permanecesse neutra”, diz Hamed. “Enfrentamos momentos horríveis; sentimos que participávamos de um filme de terror.” Durante uma missão de alto risco – a uma área controlada por três partes diferentes do conflito – ocorreram confrontos e Hamed foi alvejado, tendo de ser levado ao hospital.

**Nome fictício*

A ÁGUA DEVE FLUIR, MESMO EM UMA GUERRA

Os ataques que afetam os bens indispensáveis à sobrevivência da população civil, e outras interrupções ao seu funcionamento – causadas, por exemplo, por danos às estações de abastecimento de água, linhas elétricas ou canos de esgotos subterrâneos a partir de armas explosivas – se tornaram bastante comuns nas guerras urbanas da atualidade.

Além de lembrar todas as partes beligerantes da sua obrigação de respeitar e não causar danos a essas obras vitais de infraestrutura, o CICV e as suas parceiras locais, as Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, trabalham com as companhias de água e prestadores de serviços para fortalecer o abastecimento de água, eletricidade e saneamento, de modo a suportar melhor as batalhas prolongadas que ocorrem nas cidades do Oriente Médio atualmente.²⁶

“Para evitar essas crises, precisamos de serviços que possam responder e absorver os efeitos dos choques e estresse do conflito – e serem recuperados o mais rapidamente possível quando as circunstâncias o permitirem”, diz Michael Talhami, coordenador das operações de água e habitat do CICV para o Oriente Próximo e Médio.

Em muitas cidades do Oriente Médio, as fontes de água e as estações de bombeamento

costumam estar fora dos limites da cidade ou espalhadas geograficamente, e as redes vitais de abastecimento cruzam os territórios controlados pelos combatentes da oposição. Devem-se realizar avaliações detalhadas de risco antes de expandir o número de fontes de água, para reduzir o perigo de um setor da cidade deixar de receber água se as linhas de frente mudarem de posição ou o equipamento for danificado. Em Taiz, por exemplo, o CICV, junto com a companhia local de água, consertou poços antigos e escavou novos, dentro e fora da cidade, que agora fornecem quase 90 por cento da água potável da cidade.

Como os combates começaram a se intensificar este ano na cidade portuária de Hodeida, no Mar Vermelho, Iêmen, o CICV trabalhou junto com as companhias de água para aumentar a quantidade de poços em toda a cidade de modo que, caso o abastecimento de água fosse cortado, a população local teria um fornecimento de reserva. As peças críticas de equipamento – que pode ser muito especializado – foram pedidas com antecedência, já que podem levar meses para se receber e trocar novos componentes nos velhos sistemas. Esses meses são críticos para as pessoas necessitadas de água potável e saneamento. É crucial ser proativo desde cedo, porque a ampliação do abastecimento de água depois que os combates dominam uma cidade pode ser extremamente difícil.



Engenheiro do CICV e um membro da companhia de saneamento local conectam a principal tubulação da rede pública de água a um bairro da cidade de Sanaa, no Iêmen. Dezembro de 2016.

MEIO AMBIENTE ESTRESSADO

Tragicamente, estes conflitos e os esforços humanitários para restabelecer os serviços chegaram depois de muitas décadas de diminuição das fontes de água. O Oriente Médio como um todo é confrontado por uma ampla variedade de grandes desafios: infraestrutura obsoleta e com vazamentos, seca, redução de aquíferos e diminuição dos níveis de água, desertificação de terras aráveis e salinização.²⁷

Simplesmente escavar mais poços e extrair água em emergências não é sustentável, dizem os especialistas. “O esgotamento progressivo dos níveis de água nos poços já é evidente e muito alarmante”, afirma Maurizio Peselj, líder da equipe de água e habitat do CICV em Aleppo.

A resposta das agências e organizações humanitárias internacionais deve, portanto, levar em conta uma série de questões complexas: a natureza dos serviços urbanos básicos, que são multifacetados e interligados; o impacto acumulativo, direto e indireto, do conflito, sobreposto pelas violações recorrentes ao DIH; a segurança dos funcionários; acesso às pessoas necessitadas; a política de um ambiente de trabalho altamente securitizado; e financiamento que não corresponde à duração nem a magnitude das necessidades.²⁸

Apesar da complexidade da tarefa, a extensão dos danos e os perigos e provações, Hamed*, trabalhador da companhia de água, tem confiança de que o seu investimento para manter a água fluindo vai valer a pena. “Em toda a sua história, a cidade sobreviveu a muitas crises e terremotos, está adaptada a situações muito difíceis”, diz. “Aleppo vai florescer de novo, será reconstruída.”

*Nome fictício

Engenheiro do CICV verifica o motor de um gerador de energia no Hospital Al-Thawra, em Hodeida. Maio de 2016.



S. N. / CICV



F. Al-Homaid / CICV

Moradores buscam água em um ponto de distribuição do CICV perto de Taiz. Agosto de 2016.



Al-Madinah al-Siyahiyah, Iraque. As pessoas enchem as suas garrafas. O CICV consertou o sistema de filtragem e bombeamento de água da cidade, danificado pelos combates. Janeiro de 2015.

As cidades trazem contribuições enormes às economias nacionais e regionais – apoiando a agricultura, indústria e comércio – mas também são dependentes de recursos externos. A maior parte da comida consumida pelos moradores vem de cultivos na periferia ou de mais longe. O combustível necessário para manter carros, caminhões, geradores elétricos e sistemas de aquecimento em funcionamento normalmente vem de poços e refinarias a alguma distância dos centros residenciais. As usinas elétricas, rotas de abastecimento, estações de tratamento de água e de esgoto também costumam estar fora dos limites das cidades.

Mesmo os combates distantes podem causar efeitos dramáticos nos moradores das cidades. Quando os combates chegam à cidade, as linhas de frente entre os oponentes podem cortar as redes de eletricidade, água e saneamento que distribuem os serviços ao redor da cidade – e inúmeras redes interdependente de eletricidade e água podem ficar sob o controle de distintas facções armadas. Manter a população viva e saudável durante os conflitos prolongados é portanto um tarefa extremamente complexa.

ONDAS DE CHOQUE

Os efeitos devastadores do uso de armamento explosivo com amplo impacto nas guerras urbanas

Com demasiada frequência nos conflitos da atualidade no Oriente Médio, armas explosivas de amplo impacto são utilizadas em áreas povoadas, com consequências devastadoras para os civis e bens civis.

Uma arma explosiva pode afetar uma área ampla por causa do seu grande raio de destruição, da imprecisão do seu sistema para acertar no alvo ou pela dispersão de muitas munições em uma grande área. Os exemplos desse tipo de armamento incluem grandes bombas e mísseis, incluindo as armas “inteligentes” guiadas a laser; sistemas de armas de fogo indireto como morteiros não guiados, foguetes e armas de artilharia; lançadores de foguete multi-barril; e certos tipos de artefatos

explosivos improvisados. Esses explosivos não matam somente com a explosão, mas também com os estilhaços dos revestimentos da munição ou fragmentos secundários que voam em todas as direções.²⁹

Nas guerras urbanas, os confrontos ocorrem em bairros onde os combatentes se misturam com os civis. Mesmo quando apontadas contra um alvo militar, é provável que as armas explosivas com amplo impacto tenham efeitos indiscriminados nas áreas povoadas. Como os objetivos militares legítimos estão misturados com os civis, e suas casas, hospitais e escolas, essas armas têm consequências devastadoras para a população civil.





K. Al-Saeed/CICV

Edifício civil parcialmente destruído na cidade de Taiz, arrasada pela guerra. Dezembro de 2016.

ALÉM DA ZONA DE IMPACTO

O uso de armas explosivas de amplo impacto pode ter várias consequências duradouras para uma cidade, além das vítimas e destruição dentro da zona de impacto imediato. Quando a infraestrutura básica civil é danificada ou destruída, os serviços básicos são interrompidos, provocando danos graves e de longo alcance para os civis, incluindo morte e ferimentos.

A capacidade de destruição de bombardeios intensos e duradouros é um dos principais motivos pelos quais as pessoas fogem das

idades. A quase completa destruição de alguns bairros significa que muitas pessoas que fugiram de cidades como Homs, Ramadi, Aleppo e Taiz não têm nada para o que voltar – mesmo se os combates acabarem.

Essas são algumas das razões pelas quais o CICV e o Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho instam as partes em conflitos armados a evitar o uso de armas explosivas de amplo impacto em áreas densamente povoadas.³⁰

ARMAS QUÍMICAS

Apesar da proibição absoluta, as denúncias do uso de armas químicas continuam sendo demasiado frequentes

Reiteradas denúncias de uso dos agentes de guerra química e do uso de gás cloro como arma química no Iraque e na Síria são extremamente preocupantes. As armas químicas são absolutamente proibidas segundo o DIH e todas as partes devem se abster de usá-las. As equipes do CICV seguem de perto essas questões e lembram a todas as partes do conflito a proibição absoluta e a obrigação de respeitar o Direito Internacional.

Os agentes químicos tóxicos ou patógenos biológicos são potencialmente prejudiciais ou mesmo letais para as pessoas diretamente afetadas; podem também contaminar os profissionais de saúde, ambulâncias, salas de cirurgia e até mesmo hospitais inteiros, inutilizando os locais justo quando são mais necessários. Essa preocupação não é hipotética, como demonstram as evidências recentes do uso aparente de um agente químico tóxico em Mossul, onde 15 pacientes – incluindo crianças – foram admitidos a um hospital com sintomas clínicos consistentes com a exposição a um agente químico que causa queimaduras.³¹

A crescente frequência dos conflitos urbanos também levou as organizações humanitárias a repensarem e aperfeiçoarem os seus métodos para ajudar as cidades a se prepararem para a violência intensa e mitigar os riscos. No Iraque e na Ucrânia, uma das medidas tomadas pela Unidade de Contaminação por Armas do CICV foi a identificação de locais industriais e outros lugares onde produtos químicos tóxicos e outros materiais perigosos poderiam estar armazenados. Essa informação seria crucial para a preparação em caso de vítimas em massa provocado por bombardeios acidentais ou intencionais de instalações industriais próximas a áreas urbanas povoadas.

Também no Iraque, a Unidade de Contaminação por Armas do CICV trabalha com hospitais e centro de saúde para ajudá-los a fortalecer a sua capacidade de lidar com as vítimas em massa causadas por armas explosivas convencionais ou pela liberação de agentes químicos tóxicos. Também ofereceu a dois estabelecimentos de saúde, perto de Mossul, capacitação e equipamento para tratar pacientes contaminados por produtos e agentes químicos tóxicos usados com fins beligerantes.



J. Sheikhan/CICV

Especialistas do CICV em contaminação por armas capacitam uma equipe em um centro de saúde perto de Mossul, no Iraque, sobre como tratar com segurança as pessoas expostas a agentes químicos ou biológicos. Novembro de 2016.

UM LEGADO MORTAL

As armas não detonadas continuam matando mesmo depois do fim dos combates

Estima-se que aproximadamente entre 10 e 15 por cento das bombas, projéteis e munições cluster empregadas em conflitos não explodem no impacto. Ao contrário, permanecem enterradas no chão ou no meio dos escombros, colocando seriamente em perigo a população que vive em zonas de conflito urbano.

Esse armamento não detonado também ameaça a segurança das pessoas que participam dos esforços de resgate ou do trabalho em longo prazo para restabelecer os serviços ou tornar as estradas transponíveis ou os edifícios habitáveis.

Por esse motivo, a Unidade trabalha, quando possível - no Iraque, por exemplo - para encontrar, remover e destruir armas não detonadas. Também trabalha com parceiros locais, incluindo as Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho para conscientizar a população sobre os perigos dessas armas.

A reconstrução de longo prazo das áreas urbanas contaminadas por armamento não detonado é arriscada e cara, devido ao cuidado que se deve tomar para garantir que todas as áreas estejam seguras antes de usar o equipamento de remoção.

Funcionário do CICV especializado em contaminação por armas vasculha o terreno em busca de resíduos explosivos de guerra ao redor de uma estação de tratamento de água perto de Mossul, no Iraque. Fevereiro de 2017.





Dois funcionários do CICV avaliam a destruição causada pelo atual conflito em Saada, julho de 2015.

Tendo sido seriamente contaminada pelos resíduos explosivos de guerra, a cidade de Sadaa, no Iêmen, também foi gravemente afetada pelo uso de munições cluster. A cidade é representativa do legado mais amplo e moral desse tipo de armamento em diferentes regiões do país, um legado que superou a capacidade do Centro Executivo de Ação Contra Minas do Iêmen em responder e remover as armas de modo seguro. Vários desminadores foram mortos em incidentes relacionados nos últimos meses. Tanto o número de armas utilizadas e, em muitos casos, a sua complexidade tecnológica, apresentam desafios significativos e de longo prazo que requerem uma ação coordenada urgente.



Garoto senta-se sobre as ruínas da casa da família, no Iêmen. Julho de 2016.

M. Al Qanas/CICV

O IMPACTO EMOCIONAL, PSICOLÓGICO E PSICOSSOCIAL

“FIQUEI DESTROÇADO”

Além das lesões físicas, o conflito urbano prolongado causa feridas psicológicas muito reais e duradouras

O impacto emocional, psicológico e psicossocial de um fato traumático pode durar muito tempo, em alguns casos toda uma vida. Para as pessoas encurraladas em conflitos urbanos prolongados, os episódios terríveis de violência podem ser uma realidade que devem enfrentar quase todos os dias, algumas vezes durante muitos anos.

Para muitas pessoas, como Mahmoud* e Om Ali*, o trauma é seguido pela instabilidade e insegurança constante do deslocamento duradouro. Junto com os dois filhos, o casal saiu da sua casa na cidade iemenita de Taiz depois que foi destruída nos combates.

Depois de se mudarem para a cidade de Sanaa, eles tiveram muita dificuldade para suprir até as necessidades mais básicas para os filhos - alimento, roupas e educação. “Estou afetado

psicológica, física e moralmente”, diz Mahmoud, o marido. “Tudo mudou na minha vida. Quando os meus filhos precisam de alguma coisa e não tenho, fico frustrado. Já morri muitas vezes.”

Om Ali também enxerga o impacto que a guerra faz no bem-estar psicológico de toda a família. “Os meus filhos estão completamente devastados”, ela diz, acrescentando que o filho mais velho não vai mais à escola por questões psicológicas. “O meu marido costumava trabalhar, mas por causa da guerra, está sem emprego. Ele agora sofre de problemas mentais [e] bate nos filhos.”

Quando as pessoas perdem tanto, normalmente têm um sentimento de desgarramento do ser e do seu bem-estar. Sami* tem 27 anos e vive agora em Beirute, Líbano, onde ele tenta



Menina no campo de Debaga para pessoas deslocadas pelos combates em Mossul, no Iraque. Novembro de 2016.

com dificuldades encontrar um sentido de normalidade. “Eu só quero ficar bem. É difícil se sentir ‘ok’ quando se viu tantas coisas. Vi a minha cidade morrer. Fiquei destroçado. Não sei se algum dia vou estar bem, mas quero isso.”

Os civis e as comunidades com frequência demonstram uma resiliência e adaptabilidade notáveis às circunstâncias mais difíceis. Mas isso é especialmente difícil no meio de um conflito: preocupação incessante com a segurança dos entes queridos e ansiedade interminável sobre conseguir comida e outras necessidades básicas exacerbaram todas as dificuldades pessoais relacionadas com uma situação que é obviamente traumática. Algumas pessoas reagem com raiva ou desespero, mas outras se resignam em silêncio às circunstâncias. A dor intensa é comum, assim como o medo.

Embora a maioria das pessoas conseguirá continuar funcionando e lidando com o sofrimento que enfrentam, outras sofrerão um trauma psicológico incapacitante. Existem vários fatores que fazem com que os danos psicológicos causados pela guerra urbana sejam distintos. Devido à proximidade dos combates e a constantes explosões, as pessoas em áreas densamente povoadas estão expostas regularmente a acontecimentos horríveis em

que muitas pessoas são gravemente feridas ou mortas. A falta de áreas “seguras” onde as pessoas possam relaxar, a interrupção da vida familiar e social e a ausência de serviços básicos como assistência à saúde e educação podem agravar o impacto psicológico.

Ao mesmo tempo, dada a escala das necessidades em potencial, os sistemas locais de saúde em países afetados por conflitos, assim como dos países que recebem as pessoas que fogem deles, nem sempre têm a capacidade de identificar e prestar apoio apropriado às pessoas com necessidades relacionadas. Em quase todas as cidades em que há confrontos, o colapso das economias locais ou as crescentes demandas também afetaram os serviços de apoio à saúde mental. Estes normalmente tem baixos recursos na melhor das circunstâncias, mas os conflitos exacerbam os problemas já que os profissionais estão entre as pessoas obrigadas a fugir dos combates. Uma série de Estados e atores não governamentais estão se envolvendo nessa questão para ajudar a preencher essa lacuna. As organizações humanitárias, incluindo o CICV e as suas parceiras, as Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, estão trabalhando para ampliar os serviços oferecidos. Porém, é preciso muito mais investimento nessa área.

CRESCER À SOMBRA DE UMA CRISE

As crianças são particularmente vulneráveis, mas há poucos serviços – como aconselhamento e terapia – para ajudá-las a processar os seus sentimentos; e todos os componentes de uma infância normal, como ir à escola e brincar com os amigos, não estão presentes ou foram interrompidos abruptamente. “A minha filha de 11 anos e o meu filho de 5 não tiveram uma infância verdadeira”, diz um homem de Aleppo. “Eles passaram por experiências terríveis. Hamodeh, o garoto, sofre de ataques de pânico ocasionais. Ele normalmente corre e se esconde sempre que escuta um barulho forte – mesmo se for uma porta batendo.”

A falta de educação, a escassez de oportunidades de emprego, a inacessibilidade às atividades recreativas e culturais, como esportes, a indisponibilidade de tratamento para os jovens com problemas: tudo isso cria uma pressão psicológica que pode encontrar vazão na associação com gangues, violência sexual e de outro tipo, bem como outras condutas ilegais.

As pessoas que lidam com perdas múltiplas ou o desaparecimento dos entes queridos enfrentam um tormento especial. Maggie Andriotti, moradora de Beirute, perdeu dois filhos durante a guerra civil libanesa: um morreu com a explosão de um foguete e o outro de uma doença incurável – morreu porque os combates no bairro não permitiram que ela o levasse a um estabelecimento de saúde a tempo. Mas a angústia de não saber o que aconteceu com o terceiro filho vai além da dor que sente pela morte dos outros dois. Ele desapareceu em 1978, durante os confrontos em Beirute, e nunca mais voltou. Tinha somente 16 anos.

“Uma mãe de um filho que morre não dorme no princípio, mas no final acaba dormindo de noite”, ela diz. “Eu sei, perdi dois. Mas a mãe de um filho desaparecido nunca mais vai dormir. Eu sei, perdi um assim.”

Homem e filha diante de casas destruídas em um bairro de Sanaa, no Iêmen. Maio de 2015.



T. Glass/CICV

A melhoria na vida das pessoas pode oferecer um alívio emocional e psicológico: quando recebem, por exemplo, respostas claras sobre a sorte dos seus entes queridos desaparecidos ou quando certas necessidades básicas – como abrigo, comida, água limpa ou assistência à saúde – são atendidas.

Abu Hani, um vendedor ambulante da Cidade Velha de Homs, na Síria, já vivia com constante ansiedade, tendo de lidar com as dificuldades para achar comida em uma cidade sitiada, quando o seu pior medo se tornou realidade: um foguete caiu na sua casa e matou a mulher e o filho pequeno.

Hani quebrou a perna na explosão e não pode mais trabalhar. Além de ter de lidar com o horror daquele dia, a dor por ter perdido a mulher e o filho, ele agora é o único a sustentar as outras três filhas. “Não estou trabalhando, por isso dependemos de caridade”, diz.

Tudo isso colocou muita pressão sobre Abu Hani. No entanto, quando as suas filhas puderam finalmente retornar à escola, por exemplo, ele sentiu um pouco de esperança. Com frequência, essas soluções somente são possíveis depois do fim dos combates, quando as famílias podem se sentir seguras de novo, e as pessoas podem realmente começar a reconstruir as suas vidas.

“Até hoje as minhas filhas acordam de noite, com medo. Elas querem a mãe. Têm saudades dela. Todos temos. No entanto, estou tão feliz de ver as minhas filhas crescendo, indo à escola, as suas vidas voltando ao normal. Duas delas estão fazendo aula de teatro. Alguns dias atrás, participaram de um peça, para elas a vida evoluiu.”

*Nomes fictícios



“Uma mãe de um filho que morreu não dorme no princípio, mas no final acaba dormindo de noite. Eu sei, perdi dois. Mas a mãe de um filho desaparecido nunca mais vai dormir. Eu sei, perdi um assim.”

— Maggie Andriotti, com a foto do seu filho desaparecido.

“NUNCA VOU ESQUECER, NUNCA VOU PODER. MAS VOU TENTAR PERDOAR”

A guerra civil predominantemente urbana do Líbano oferece muitas lições sobre os custos do conflito em áreas densamente povoadas e extremamente diversas. Uma das principais lições: devem-se reconstruir muito mais do que prédios para reviver as comunidades.

“A guerra urbana transforma as sociedades, mas ao invés de promover o desenvolvimento e o progresso, os países pagam um custo alto: cidades são destruídas, bairros se dividem, a economia é arruinada e cada ação tomada durante os combates tem um preço.... Não se pode falar de otimismo logo depois de uma guerra, mas se fala de pagar a pesada conta. Aprender das experiências passadas como a do Líbano é crucial para os conflitos na Síria, Iraque ou Iêmen.”

— Entrevista com o professor catedrático Fawaz Trabulsi, historiador, ex-líder político do Líbano e autor de vários livros sobre cultura, política e história árabes, incluindo *A History of Modern Lebanon (História do Líbano Moderno)*.



Os prédios e mesmo os bairros podem ser reconstruídos depois de um conflito, mas o tecido social de uma cidade, sua memória coletiva e a rede de relações que a fazia vibrar talvez nunca sejam restabelecidos – porque muitas pessoas partiram ou morreram, e as relações entre os grupos mudaram.

A guerra civil libanesa, que durou 15 anos e terminou com um acordo de paz em 1989, fez grandes estragos a muitas áreas povoadas, especialmente em Beirute. A guerra também dividiu e fraturou a população diversa de uma maneira que ainda perdura. O que pode nos ensinar o Líbano sobre o alívio do sofrimento pós-conflito e a ajuda para reconstruir as comunidades urbanas destroçadas pela guerra?

Os estudiosos do Líbano pós-guerra afirmam que remendar as fraturas causadas pela guerra implica restaurar a coesão social e reconstruir comunidades; esses esforços devem ser feitos rapidamente, mesmo que haja uma probabilidade de serem solapados por tensões novas ou não resolvidas e pelos efeitos traumáticos e duradouras da guerra.

Os esforços, segundo os especialistas, devem assegurar que as pessoas que fugiram sintam que a volta é segura e que serão bem-vindas, independente das suas convicções políticas, classe social ou crenças religiosas. Instituições relevantes, como as educativas, podem ajudar a fomentar a coesão social; do mesmo modo que podem, claro, perpetuar as divisões. A participação da sociedade civil e das comunidades locais também é crucial. A reintegração social dos ex-combatentes deve ser abordada logo no início.

A EXPERIÊNCIA LIBANESA

Por causa da sua duração e intensidade, a guerra civil libanesa teve um impacto enorme na economia do país. A infraestrutura, produção agrícola e base industrial³² do país sofreram grandes estragos, e a emigração de centenas de milhares de profissionais qualificados e capacitados arruinou muitos serviços.³³

Os números dos deslocados, feridos e mortos variam enormemente,³⁴ mas a magnitude e a duração do impacto do conflito em termos demográficos, sociais e psicológicos são indiscutíveis. A guerra afetou tanto as cidades como o interior, mas Beirute foi um dos principais teatros de operações. A militarização da sociedade,



a proliferação das milícias e partes beligerantes e a proximidade às áreas civis e comunidades – especialmente nas cidades – são muito similares ao que vemos hoje nas guerras urbanas do Oriente Médio.

Mesmo agora, mais de duas décadas e meia depois do fim dos combates, as violações cometidas por todos os lados, a perda de vidas, as pessoas desaparecidas, os danos à infraestrutura urbana, o declínio da educação inclusiva e a ausência de medidas concretas para lidar com as profundas divisões da sociedade continuam sendo um problema para o Líbano.

DESUMANIZAR O “OUTRO” E ENTRINCHEIRAR AS DIVISÕES

Uma das semelhanças entre a experiência libanesa e os conflitos modernos – mas não restrita aos conflitos urbanos – é a maneira com que rapidamente os diversos lados conseguiram desumanizar os seus oponentes com motivos ideológicos, políticos, étnicos e religiosos. Isso foi especialmente observado em cidades, que, em geral, possuem uma população mais heterogênea que nas áreas rurais e onde as comunidades costumam estar misturadas e em maior proximidade uma com as outras.

“Durante a guerra libanesa, os oponentes usariam descrições sectárias ou religiosas contra o outro”, explica o professor Trabulsi. “As comunidades começaram a ser denominadas como “palestinos”, “sunitas”, “xiitas” e “drusos”. O indivíduo passou a representar um grupo e o grupo poderia ser reduzido a um indivíduo. Houve sequestros e contra sequestros, assassinatos, carros-bomba dirigidos a civis e não objetivos militares... Isso servia para desmoralizar os combatentes inimigos, mas não apresentava nenhum ganho militar real.”

Durante toda a guerra libanesa, o deslocamento da população estava intimamente ligado aos atos de violência comunitária, com os grupos buscando controle de áreas geográficas, que organizariam ao longo de linhas sectárias ou religiosas. Áreas foram divididas fisicamente, postos de controle

erguidos e taxas de entrada impostas: a divisão de Beirute em leste e oeste é um exemplo claro disso. Essas divisões geográficas continuaram durante os anos pós-conflito.

Tendências parecidas estão presentes hoje em outras regiões. No Iêmen, por exemplo, as tensões entre grupos tribais e entre os grupos do norte e do sul estão cada vez mais entrincheiradas em padrões similares de deslocamento. “Antes da guerra”, afirma Trabulsi, “muitos cidadãos do norte viviam em Aden, que fica no sul. Quando a violência irrompeu, eles foram atacados em uma tentativa de expulsá-los. Muitos voltaram para o norte, outros foram para o exterior.”

O conflito no Iêmen desfez a coexistência de vários grupos e eliminou a proximidade física que tinham entre eles; as cidades adquiriram novas identidades devido aos movimentos populacionais. Muitos moradores das cidades do Iêmen partiram para o interior onde eles ainda podem garantir a comida com a agricultura e outros meios. O risco crescente de fome extrema, a obstrução na passagem de produtos e as cidades sitiadas: todos esses fatores deram ímpeto à fuga das cidades. De modo similar, muitas outras pessoas fugiram dos seus povoados por causa da violência e encontraram refúgio nas cidades. Ver a seção sobre deslocados, página 46.



B. H. H. Schmid / GICV

Como ilustrado com precisão pela experiência do Líbano, a reconstrução se torna muito difícil se não se abordam as divisões geográficas logo que os combates terminam. “Depois do acordo de paz, essas comunidades cercadas, por assim dizer, se isolam ainda mais quando os líderes políticos aceitam a ideia de reabilitação separada”, explica Elizabeth Picard, escritora e especialista sobre o Oriente Médio.

“Este é um processo do qual o país nunca se recuperou”, diz. “A prioridade era parar com os combates e aceitar que cada parte se reagrupe no seu microterritório. Apenas “congelaram” uma situação ao invés de lidar com ela.”

As pessoas foram incentivadas a ficar junto a outras que tivessem as mesmas ideias políticas e identidade religiosa, e não a recriar os bairros mistos que caracterizaram os anos antes da guerra. “Houve algumas tentativas de oposição a isso no início, especialmente de parte de jovens ativistas que queriam aprender da guerra civil e avançar”, acrescenta a Dra. Picard. “Mas os políticos locais e internacionais não os escutaram e a janela de oportunidade se fechou.”

Junto com a falta de incentivos políticos, a experiência traumática da guerra ajuda a explicar por que muitas pessoas não quiseram voltar às suas cidades posteriormente. “Existem vários lugares para os quais as pessoas nunca voltarão”, diz George Kettaneh, atual secretário-geral da Cruz Vermelha Libanesa, quem foi um socorrista durante a guerra. “Não é uma questão de momento ou gerações, eles decidiram reconstruir as suas vidas em outro lugar.”

Os políticos e a comunidade internacional deveriam aprender desse fracasso para tratar as relações e a confiança e reconstruí-las. As iniciativas de reconciliação futuras se beneficiarão se assim o fizerem; será útil também para garantir que as pessoas possam voltar aos seus lugares de origem, caso assim o desejem, independente das convicções políticas ou crenças religiosas.

“A reconstrução de uma cidade compreende mais do que a reconstrução dos seus prédios e infraestrutura,” afirma Picard. Ela também observa que as cidades podem ser reconstruídas com a firme intenção de ajudar a recompor o tecido social: “O planejamento urbano é

fundamental para restabelecer a composição social de uma cidade. No Líbano, não foi realmente feito um planejamento urbano. Muitas vezes, a propriedade de bens reflete os interesses financeiros dos ricos, e a reconstrução foi feita para manter os bairros homogêneos e as comunidades divididas mas seguras.”

Em outras cidades atualmente em guerra, essas preocupações não são teóricas: a diversidade que consistia antes na fortaleza da cidade pode-se tornar rapidamente em debilidade. A cidade iraquiana de Mossul, por exemplo, era conhecida pela sua diversidade étnica e religiosa, abrigando a segunda maior universidade do país.

Desde 2003, muita coisa mudou e muitas pessoas que compunham este valioso tecido social foram embora. Em meio à instabilidade predominante no país, as relações entre os diversos grupos étnicos foram se tornando gradativamente mais

complexas: a violência persistente em distintas áreas e o modo em que as hostilidades eram conduzidas afetaram claramente a coesão social.

Segundo Dany Merhy, coordenador do CICV no terreno em Erbil, no Iraque, inúmeras cidades se tornaram mais segregadas e se organizaram de acordo com bases étnicas ou religiosas. “A condução das atuais operações militares em Mossul e os esforços feitos depois do fim dos combates poderiam ser cruciais para garantir uma coexistência pacífica no futuro”, comenta.

Em algumas cidades do Oriente Médio, o conflito e as condições de segurança cronicamente incertas incentivaram a criação de inúmeras facções armadas, muitas das quais brigam entre si, mas se uniram contra um inimigo em comum. Isso levanta sérias questões sobre o que acontecerá depois do término dos grandes conflitos.

ENVOLVER ESPECIALISTAS LOCAIS

Seja qual for a solução encontrada, é fundamental ouvir e se reunir com os grupos locais que já estejam trabalhando para estabilizar as suas comunidades. Muitas vezes, as iniciativas e movimentos locais surgem para preencher o vácuo criado pela ausência dos serviços do Estado em funcionamento. Nas cidades, esses grupos locais estão melhor situados para compreender as necessidades dos moradores e bairros.

Durante a guerra civil libanesa, os membros da sociedade civil saíram às ruas de Beirute pedindo paz e uma solução política para o conflito. Um avanço social menos visível, mas crucial, ocorreu na Síria: o surgimento de conselhos municipais locais – os *tansiqiyat*, como são conhecidos localmente – que desempenham

uma função cívica mais estratégica para garantir os serviços e ajuda às comunidades afetadas pelo conflito armado.

Os *tansiqiyat* têm um alto grau de resposta, com presença nas áreas controladas pela oposição e pelo governo, onde se encontram para ajudar a organizar assistência local e facilitar a reconstrução. “Esses atores altamente empreendedores, assim como outros grupos de base, são absolutamente fundamentais para o futuro dessas cidades: devem ser consultados e envolvidos nos esforços posteriores de reconstrução das cidades”, explica Elizabeth Picard. “Abordagens de cima para baixo não vão funcionar sozinhas.”

DESENVOLVER INSTITUIÇÕES INCLUSIVAS: RECONSTRUIR A EDUCAÇÃO

As guerras regionais recentes têm um impacto adverso imenso na educação. Por um lado, ataques a estabelecimentos educativos, direcionados ou indiscriminados, causam enormes danos e grande quantidade de vítimas, reduzindo os recursos. As condições precárias de segurança e a violência também têm outras consequências: frequência escolar irregular, deslocamento de alunos e professores e redução de renda (as famílias com condições de pagar tiram as crianças da escola).

O restabelecimento de oportunidades de educação, mesmo durante o conflito, é crucial, sendo frequentemente citado pelas comunidades como uma das prioridades, junto com comida, segurança e assistência à saúde. A guerra civil libanesa causou uma “fuga de cérebros” significativa, já que muitas pessoas da elite intelectual emigraram, mesmo depois do fim da guerra.³⁶ Uma emigração similar vem acontecendo há décadas no Iraque; a Síria e o Iêmen passam por isso mais recentemente.

A educação é a maior vítima da guerra na Síria. Trata-se de outra forma em que os jovens sírios foram duramente afetados e um dos motivos para a emigração massiva deles. Antes da guerra, o Estado fornecia 99% dos fundos necessários para amparar o sistema educacional. “Hoje, há uma geração de crianças que não tiveram educação ou tiveram uma má educação”, afirma Elizabeth Picard. “É uma questão de crucial importância para as jovens gerações da Síria e para o seu futuro, e uma que requer atenção urgente.”

Além da importância para o futuro do país, os estabelecimentos educativos desempenham um papel vital em reunir diferentes estratos da sociedade. A universidade no Líbano costumava juntar alunos de diferentes religiões, seitas e regiões. “Mas a guerra mudou isso,” diz o professor Trabulsi. “A universidade ficou dividida, e as escolas e universidades foram privatizadas. Isso enraizou as divisões ao invés de resolvê-las. Os sistemas educacionais do pós-guerra deveriam ter um papel para garantir as oportunidades de encontros e trocas. Isso ainda é mais importante nas cidades tradicionalmente diversas e misturadas para avançar e deixar as divisões para trás.

Quando os confrontos terminam, aonde vão os combatentes? As autoridades também devem resolver outra questão crítica: o que deve ser feito para reintegrar aqueles que participaram dos combates? Muitos podem ter se unido a grupos armados, por exemplo, para defender os seus bairros e famílias. Alguns podem ter feito isso quando eram muito jovens e podem ter crescido no meio da violência. Depois da guerra civil libanesa, uma grande quantidade de combatentes foi absorvida pelo exército nacional e somente um pequeno grupo de combatentes passou por reabilitação e reintegração.

“POR QUE EU NÃO LUTARIA PARA PROTEGER A MIM MESMO E A MINHA FAMÍLIA?”

Com suas próprias palavras

Ibrahim*, que lutou na guerra civil libanesa

“Eu tinha 22 anos e era saudável. Por que eu não lutaria para proteger a mim mesmo e a minha família? Vivíamos perto de Beirute. De repente, havia perigo em todas as direções. Não podíamos nos mover sem pensar que poderíamos ir rumo à morte. Sair para comprar pão era como uma missão suicida. Escolas? Nem pensar. Tudo muda. Tudo para. Menos a morte e o desespero: isso havia em abundância.”

“Te dizem que a guerra é um inferno. Mas você vê os seus companheiros morrerem, fica sabendo que mais um amigo desapareceu. Como que você se prepara para isso? Não tem como. Imagino que havia lugares que eu não deveria ter ido. Se tivesse feito isso, não teria visto as coisas que vi.”

“Não somos monstros, somos humanos. O mesmo que o outro lado.”

“Antes do começo da guerra, ninguém imaginava que de repente estaríamos lutando contra outro grupo. O treinamento começou com a guerra. Quanto mais alto o seu posto, mais treinamento você recebia porque você estava dando ordens. Fui treinado. Eu sabia o que era e o que não era um alvo. Escolas, ambulâncias, hospitais: obviamente, não são alvos, então falávamos para os subordinados evitá-los a todo custo. Sabe, durante uma guerra não tem como controlar cada militar, mas você tenta o máximo possível. Tem que lembrá-los de que não somos monstros, somos humanos. O mesmo que o outro lado.”

“Pessoalmente, o perdão me facilitou as coisas. Um dia me despertei e pensei: quero perdoar todos que dispararam contra mim. Não vou me esquecer, nunca vou poder de todas as maneiras. Mas vou tentar perdoá-los e talvez possa romper essa barreira que eu construí entre nós.”

**Nome fictício*





REFERÊNCIAS

- 1 Entre maio de 2015 e julho de 2016.
- 2 As mortes relacionadas ao conflito na Síria, Iraque e Iêmen representam 47% do total global entre 2010 e 2015 (dados coletados até o final de 2014, excluindo 2015). A estatística baseia-se nos dados da Secretaria da Declaração de Genebra. 2015. *Global Burden of Armed Violence 2015: Every Body Counts*. Cambridge: Cambridge University Press.
- 3 Relatório da Action on Armed Violence (AOAV), 22 de junho de 2015: *Explosive States: Explosive Violence in Populated Areas in 2014* <https://aoav.org.uk/2015/explosive-states-explosive-violence-populated-areas-2014/>.
- 4 ACNUR, *Global Trends Report*, 2016: <http://www.unhcr.org/news/latest/2016/6/5763b65a4/global-forced-displacement-hits-record-high.html>, todas páginas acessadas em abril de 2017.
- 5 Segundo dados e estimativas do início de abril de 2017 do Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno (<http://www.internal-displacement.org/database>), ACNUR (<http://www.refworld.org>) e UNRWA (Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina, <https://www.unrwa.org/>), aproximadamente 17,4 milhões de pessoas estão atualmente deslocadas dentro ou fora do Iraque, Síria e Iêmen.
- 6 ACNUR: http://data.unhcr.org/syrianrefugees/regional.php#_ga=1.255086920.1950945305.1484762757.
- 7 O Iêmen tem 2,2 milhões de pessoas deslocadas internamente (dados preliminares de 2016 do IDMC) e uma projeção de população em 27,5 milhões (<http://data.un.org/CountryProfile.aspx?crName=yemen>).
- 8 O Iraque tem 3,3 milhões de pessoas deslocadas internamente (dados preliminares de 2016 do IDMC) e uma projeção de população em 37,5 milhões (<http://data.un.org/CountryProfile.aspx?crName=iraq>).
- 9 Joanne Liu e Peter Maurer. "The airstrike on an Aleppo hospital is a wake-up call for the UN. It must act now", *The Guardian*: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/apr/29aleppo-hospital-airstrike-un-syria>. Em português: <https://www.icrc.org/pt/document/o-ataque-aereo-um-hospital-em-aleppo-e-um-alerta-para-onu-organizacao-deve-agir-agora>
- 10 Registro feito em 1.º de abril de 2017.
- 11 Segundo os princípios orientadores sobre deslocamento interno de OCHA da ONU, incluindo a seção 5 sobre regresso, reassentamento e reintegração, e os princípios 28, 29 e 30. [https://www.un.org/ruleoflaw/files/guiding-principles\[1\].](https://www.un.org/ruleoflaw/files/guiding-principles[1].) O princípio 28, por exemplo, estipula: "(1) As autoridades competentes têm o dever e a responsabilidade primários de criar condições, assim como de fornecer meios que permitam o regresso voluntário, em segurança e com dignidade, dos deslocados internos às suas casas ou aos locais de residência habituais, ou o seu reassentamento voluntário em qualquer outra parte do país. Tais autoridades devem esforçar-se para facilitar a reintegração das pessoas regressadas ou reassentadas que outrora foram deslocados internos. (2) Devem-se envidar esforços para assegurar a participação plena dos deslocados internos no planeamento e gestão do seu regresso ou reassentamento e reintegração."
- 12 Cerca de 467.000 segundo o último censo oficial em 2004 (<https://www.citypopulation.de/Yemen.html>). Algumas projeções calculam que este número poderia ser maior que o triplo antes de se iniciarem os combates.
- 13 Os números da Força-Tarefa conjunta da OIM-ACNUR sobre movimento populacional de janeiro de 2017 indicam que há mais pessoas deslocadas da província de Taiz (547.000) do que em outras províncias. TPFM 12.o relatório, janeiro 2017, p. 12: <https://drive.google.com/file/d/0B6owQSRCTIGYQUl3MHZMN01RdEUview?usp=sharing>.
- 14 Segundo relatórios do CICV.
- 15 Organização Mundial da Saúde, 06/11/17 <http://www.emro.who.int/media/news/survey-reveals-extent-of-damage-to-yemens-health-system.html>.
- 16 Apesar das exigências, conforme o DIH, sobre o tratamento dos mortos. Ver https://ihl-databases.icrc.org/customary-ihl/eng/docs/v1_cha_chapter35.
- 17 Porta-voz do Conselho Provincial de Anbar, 31 de dezembro de 2015: <http://www.aljazeera.com/news/2015/12/iraq-80-percent-ramadi-ruins-fighting-15123114030408.html>.
- 18 Em 31 de março de 2017, aproximadamente 300.500 pessoas regressaram ao Distrito de Ramadi, de mais de meio milhão que haviam sido deslocadas durante a batalha pela cidade. Lista Principal de Deslocamentos no Iraque da OIM: <http://iraqdtm.iom.int/ReturneeML.aspx> and [https://en.wikipedia.org/wiki/Battle_of_Ramadi_\(2015%E2%80%9316\)#cite_note-bombs_laid-29](https://en.wikipedia.org/wiki/Battle_of_Ramadi_(2015%E2%80%9316)#cite_note-bombs_laid-29).
- 19 Matriz de Acompanhamento de Deslocamentos da OIM. Em outubro de 2016, estimava-se que aproximadamente 3,1 milhões de iraquianos estavam deslocados no país: <http://iraqdtm.iom.int/IDPsML.aspx>.

- 20 Antes do início da ofensiva iraquiana no leste de Mossul em 19 de fevereiro de 2017, calculava-se a população de Mossul entre 1,2 e 1,5 milhão, estimando-se que somente 200.000 pessoas saíram da cidade e áreas vizinhas em meados de janeiro, depois de três meses de combates.
- 21 Organização Internacional para as Migrações (OIM), Matriz de Acompanhamento de Deslocamentos da Missão do Iraque: <http://iraqdtm.iom.int/EmergencyTracking.aspx>.
- 22 350.000 pessoas foram deslocadas da cidade entre 17 de outubro de 2016 e 23 de março de 2017, embora estima-se que 76.000 já voltaram até 23 de março de 2017: <http://www.internal-displacement.org/assets/IDUs/20170330-idu-issue-13.pdf>.
- 23 Cercos ocorreram durante as guerras em muitas cidades modernas, de Leningrado aos Bálcãs (o cerco de Sarajevo durou quase quatro anos). Mas o que vemos hoje é o aumento no seu uso por diferentes lados nos conflitos armados do Oriente Médio. Assumem formas distintas, de cercos parciais e totais, mas que duram meses ou anos, frequentemente com consequências drásticas para os civis.
- 24 Incluindo dados preliminares de 2016 do Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno (IDMC) (<http://www.internal-displacement.org>) e números do ACNUR e UNRWA disponíveis para esses países em 9 de abril de 2017. O número total inclui 400.000 refugiados palestinos sob responsabilidade de UNRWA que foram deslocados devido à crise da Síria.
- 25 Especificamente, a equipe da ONU no Iraque, o prefeito de Ramadi e o Ministério da Saúde do Iraque.
- 26 O DIH protege todos os bens civis, em especial aqueles que são indispensáveis à sobrevivência da população civil.
- 27 Mais sobre este tópico em CICV, *Bled Dry: How War in the Middle East Is Bringing the Region to the Brink of a Water Catastrophe*, março de 2015: <https://www.icrc.org/en/document/bled-dry-how-war-middle-east-bringing-region-brink-water-catastrophe>.
- 28 Para uma análise mais profunda do tópico, ver CICV, *Urban Services during Protracted Armed Conflict: A Call for a Better Approach to Assisting Affected People*, outubro de 2015: <https://www.icrc.org/en/document/urban-services-protracted-conflict-report>.
- 29 Saiba mais em: <https://www.icrc.org/en/document/explosive-weapons-populated-areas-use-effects>.
- 30 CICV, *International Humanitarian Law and the Challenges of Contemporary Armed Conflicts*, 31.a Conferência Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, Genebra, Suíça, 28 de novembro a 1.o de dezembro de 2011, documento elaborado pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha, Genebra, outubro de 2011, página 42.
- 31 CICV, “CICV condena com veemência uso de armas químicas em Mossul”, 3 de março de 2017: <https://www.icrc.org/pt/document/iraque-cicv-condena-com-veemencia-uso-de-armas-quimicas-em-mossul>
- 32 American University Beirute: <http://ddc.aub.edu.lb/projects/pspa/kisirwani.html>.
- 33 Embora os motivos disso vão além do legado da guerra civil, mesmo hoje, um quarto dos cidadãos libaneses vivem no exterior (cerca de 1,3 milhão de uma população de 5,3 milhões) e metade dos seus jovens migra ao exterior depois de obter o seu diploma.
- 34 Ao final da guerra, estima-se em meio milhão os deslocados dentro do país, e entre 48.000 e 250.000 os mortos. Estima-se que entre 600.000 e 900.000 pessoas saíram do país durante a guerra, embora muitos voltaram durante ou no seu término. Em 2004, o Ministério para as Pessoas Deslocadas do Líbano afirmou que 68.000 pessoas ainda estavam deslocadas dentro do país, apesar de que outras agências calculam um número quase dez vezes maior.
- 35 Dra. Picard é Diretora de Pesquisa no *Instituto de Pesquisa e Estudos sobre o Mundo Árabe e Muçulmano do Centro Nacional de Pesquisa Científica*, Aix-en-Provence.
- 36 Instituto de Economia do Trabalho, *Decision to Emigrate amongst the Youth in Lebanon*, Discussion Paper Series IZA DP No. 10493: <http://ftp.iza.org/dp10493.pdf>.

Foto, páginas 2-3:
Crianças brincando na Cidade Velha de Aleppo, janeiro de 2017.

Foto, páginas 72-73:
Ciclistas hoje na calçada à beira-mar de Beirute.

MISSÃO

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) é uma organização imparcial, neutra e independente cuja missão exclusivamente humanitária é proteger a vida e a dignidade das vítimas dos conflitos armados e de outras situações de violência, assim como prestar-lhes assistência. O CICV também se esforça para evitar o sofrimento por meio da promoção e do fortalecimento do direito e dos princípios humanitários universais. Fundado em 1863, o CICV deu origem às Convenções de Genebra e ao Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. A organização dirige e coordena as atividades internacionais que o Movimento conduz nos conflitos armados e em outras situações de violência.

 www.facebook.com/CICV

 twitter.com/CICV_pt

 [instagram.com/icrc](https://www.instagram.com/icrc)



CICV

Comitê Internacional da Cruz Vermelha

19, avenue de la Paix

1202 Genebra, Suíça

T + 41 22 734 60 01 F + 41 22 733 20 57

shop@icrc.org www.icrc.org

© CICV, maio de 2017